

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839

AVENIDA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

O TURISMO NO ALGARVE

DANIEL Constant, distintíssimo redactor do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», não perde oportunidade de exaltar as belezas do nosso Algarve, procurando simultaneamente com essa exaltação censurar e muito bem as nossas lamentáveis deficiências de acomodação para os que nos visitam. Da sua última e brilhante crónica, em que aconselhava as gentes do Norte a virem passar o fim do ano na nossa Província, vamos fazer, com a devida vénia, a seguinte transcrição parcial:

A bela província do Sul tem muitos e excelentes prediços para manter, se quiser e souber, um permanente movimento de turismo, desde Janeiro a Dezembro. As amendoeiras floridas, cujo espectáculo é, de facto, um deslumbramento, não reflectem, contudo, os inúmeros e aliciantes atractivos algarvios.

Temos, diante de nós um estudo meteorológico do Algarve, da autoria do engenheiro-geógrafo José António Madeira, que regista, como características gerais do litoral algarvio, «chuvas moderadas e raras, fraca nebulosidade, extraordinária visibilidade, Verão quente e Inverno temperado». São do autor as seguintes linhas: «A climatologia do Algarve, em comparação com a de outras zonas do País, traduz de forma irrefutável, a superioridade das condições climáticas algarvias nalguns domínios da actividade humana. Esta província possui características especiais que, devidamente aproveitadas, fariam deste rincão meridional, cheio de lenda e poesia, um dos lugares mais preferidos e aprazíveis.

Fariam, mas não fazem, porque nada, de relevo, tem concorrido para isso. O Algarve turístico, felizmente, é muito mais do que amendoeiras em flor e cortejos carnavalescos. O clima, verdadeiramente excepcional, isso sim, podia ser o grandioso cartaz do turismo algarvio. A ele se devia aliar, também, o prazer da pesca desportiva nos mais abundantes pesqueiros da costa portuguesa, os três aspectos verdadeiramente diferentes da paisagem — Serra, Barrocal e Chenchir —; as arribas do litoral mais surpreendentes do País e um dos mais belos da Europa; banho e possibilidade de

praticar os desportos náuticos durante todo o ano; região menos ventosa de Portugal e tantos outros índices do turismo algarvio, em potencial, entre os quais se encontra, quase inexplorada a faceta turística da pesca do atum,

Conclui na 6.ª página

Uma carta em que se fazem considerações

acerca do nosso artigo sobre o problema

HOTELEIRO

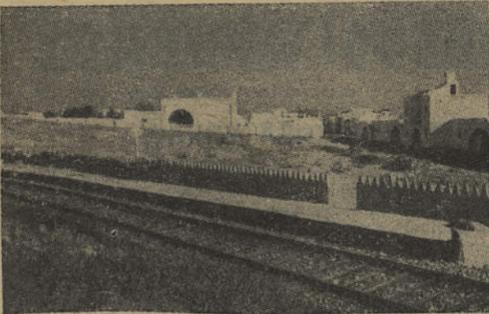
De Portimão recebemos a seguinte carta:

Sr. Director do Jornal do Algarve

Com o título «O Algarve e o seu problema hoteleiro», publicou o Jornal do Algarve, no seu número de 21 de Dezembro, um artigo em que o articulista, que não tenho a honra de conhecer, diz que se tem apelado para o capital algarvio e ele se tem negado. Transcrevo, sem alterar uma virgula, a seguinte passagem: «Exceptuando o saudoso José Pedro da Silva, em Faro, e o banqueiro Vinhas Cabrita, em Albufeira, não surgem mais entusiastas a seguir-lhes os passos. Porquê? Possivelmente porque os homens de dinheiro, desconhecendo o comércio hoteleiro, reciam que o negócio redunde em fracasso».

Conclui na 6.ª página

UMA PETIÇÃO À C. P.



O apeadeiro da Fuseta - A

ALI, na Fuseta-A, onde o mar ren-dilha qual gola genovesa as casas dos pescadores, como a prestar-lhes as suas homenagens de Adamastor vencido pela epopeia, está tomando forma um lindo bair-

ro que é bem uma homenagem do Portugal Renascido às classes piscatórias.

Trecho de Casablanca ou de Rabat, em miniatura, na sua feição argelina, coroadado de açoiteias, em sua expressão alvinente o bairro é bem a continuidade dessa Olhão moirisca — a afirmação clara e genuína de que o Governo soube dar à gente das fainas marítimas a sua casa litoral, vincando-lhes o

fim de etapa rude com um friso lindo de casas portuguesas.

Olhando o bairro, da terra, de olhos alongados para o mar, temos a impressão que a todo o casario se oferece o vasto oceano como um horto comum a cultivo longo e infinito, cujos instrumentos de lavoura são os barcos.

Tem assim, o pescador, o mar ao sair de casa e a casa ao sair do mar, num aglomerado bairstista que ri ao sol e vive enamorado dos dois azuis, cerzidos na linha horizontal.

E para que a obra se complete, a urbanização chegou e lá anda arruando, catalogando, dando ar civilizado aquilo que há meia dúzia de dias ainda era terreno árido, ressequido, bafejado de tempestade ou escaldado de sol, à alta temperatura das terras do Sul.

Conclui na 6.ª página

Para os nossos pobres

Da Tertúlia Algarvia da Brasileira recebemos 100\$00 para os nossos pobres, em nome dos quais agradecemos.

O JORNAL ALGARVIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

UM NOVO HOTEL na Praia da Rocha

NA Direcção dos Serviços de Urbanização, em Lisboa, reuniu-se a comissão recentemente nomeada para estudo da localização de hotéis e da qual faz parte o sr. presidente da Câmara Municipal de Portimão, a qual deu parecer favorável à construção de um novo hotel na Praia da Rocha. Trata-se de um grande edifício hoteleiro e residencial que nada tem que ver com a empresa proprietária de umas ruínas que assinalam o local onde há cerca de trinta anos devia ter sido erguido um hotel.

Na sua estadia em Lisboa o presidente do Município portimonense foi recebido pelo sr. ministro das Obras Públicas com quem tratou assuntos de interesse para o seu concelho.



Um aspecto da Praia da Rocha

UM SÉCULO ao serviço DO MUTUALISMO

VEM de celebrar o seu primeiro centenário o Montepio Artístico Tavirense. É um acontecimento digno de referência e que não queremos deixar passar em claro pelo que significa de persistência e de dedicação das várias gerações em prol de uma obra de auxílio mútuo, em favor de todos aqueles que, compreendendo os benefícios do mutualismo, ingressaram no Montepio. Nascido nos meados do século passado, produto em grande parte dos românticos inspirados nos corifeus da Revolução Francesa, obra de sonhadores de rasgados ideais de fraternidade humana, o Montepio Tavirense, através da sua longa e honrada vida, tem sido e continuará a ser, uma instituição prestável e merecedora de respeito e de admiração. Este o motivo porque nos associamos à celebração do seu centenário e porque nos seus dirigentes saudamos a memória dos fundadores da prestante colectividade.



O sr. 1.º tenente Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto de Olhão e a magnífica ambulância adquirida para a Casa dos Pescadores da laboriosa vila

AS ARMAÇÕES DE ATUM PODERÃO E DEVERÃO VIVER INDEFINIDAMENTE

HÁ tempos ouvimos afirmar, com bastante estranheza da nossa parte, que as armações de atum estão irremediavelmente condenadas a desaparecer, dentro em breve, com o aparecimento de «artes» móveis para a pesca do atum, que com vantagem as substituirão, tal qual aconteceu com as armações à valenciana para a pesca da sardinha, as quais foram substituídas pelos «cercos americanos» e semelhantes.

O problema não deverá ser posto desta maneira, de forma nenhuma, sob pena de traduzir completa e manifesta ignorância sobre o assunto da parte de quem assim o põe.

E' que se não deverá estabelecer paralelo entre a pesca do atum e da sardinha.

A pesca do atum é realizada junto da costa por armações fixas e só por estas; e, assim, todas as «artes» móveis que de futuro venham a aparecer para a pesca desta importante espécie marinha não deverão, de maneira nenhuma, operar em zona marítima que respeite às armações.

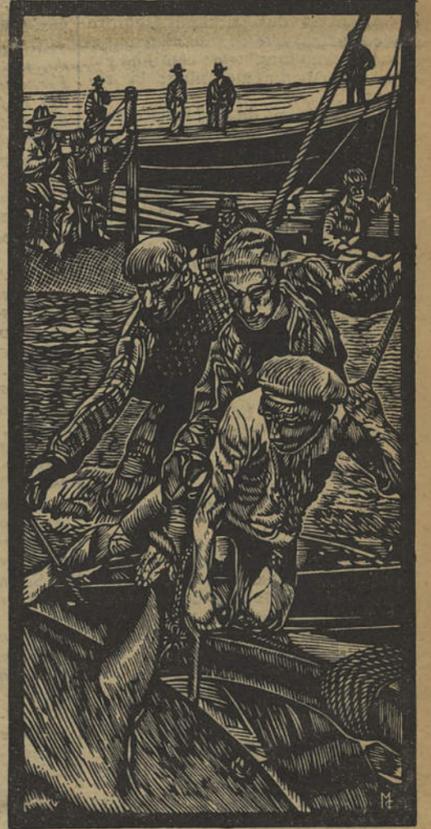
Se assim não suceder, isso representará a manifesta e completa condenação dessas «artes».

E assim os aparelhos móveis que certamente hão-de surgir, terão, para que possam exercer a sua actividade, de se movimentar por longos dias, se não por alguns meses, ao longo de quase todo o Atlântico e Mediterrâneo, sem que de outra forma possam viver desafogadamente.

A pesca da sardinha era e é, pelo contrário, unicamente praticada adentro de uma faixa de cerca de quatro milhas ao longo da costa, não só por armações à valenciana, que já desapareceram para não mais tornarem a surgir, senão também por «cercos americanos» e traineiras, que têm estado em plena e intensa actividade piscatória.

E o resultado foi haverem provocado, com o exercício dessa pesca intensiva, a quase exaustão da sardinha adentro dessa faixa marítima, o que trouxe como con-

Conclui na 6.ª página



Pesca do atum (Xilografia de Manuel Cabanas)

A CASA DOS PESCADORES DE OLHÃO já tem a sua ambulância

OLHÃO — Mais uma vez a Junta Central das Casas dos Pescadores, a que preside o sr. comandante Henrique Tenreiro, atento às necessidades da classe piscatória, veio ao encontro dos desejos dos pescadores desta vila e da Fuseta. Posto ao corrente pelo sr. 1.º tenente Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto e presidente da Casa dos Pescadores local, da necessidade da aquisição de uma ambulância, logo autorizou a compra da viatura, a qual se pode considerar a melhor do Algarve.

A ambulância destina-se não só aos sócios daquele organismo corporativo como também, mediante acordo com as autoridades locais, ao serviço do concelho quando haja necessidade de conduzir feridos ou doentes aos hospitais de Lisboa.

O esplêndido veículo vem apetrechado com todos os requisitos modernos para o fim a que se destina e tem sido muito admirado pela população que não se cansa de louvar os srs. comandantes Henrique Tenreiro e Pacheco Pinto que mais uma vez demonstraram o carinho que lhes merece a esforçada e sofridora gente do mar.

A Casa dos Pescadores está de parabéns e ao regozijo dos pescadores juntamos também o nosso.

O CONTRATORPEDEIRO INGLÊS «LAGOS»

VISITA A BAÍA DE LAGOS

É ESPERADA com grande entusiasmo a chegada do contratorpedeiro da armada britânica «Lagos», à baía desta cidade, onde deverá estar fundeado de 8 a 11 deste mês.

As entidades locais preparam diversas festas e cerimónias em honra dos marinheiros ingleses, e o comando do navio promove outras a bordo.

O navio «Lagos» desloca 3.255 toneladas, mede cerca de 100 metros e é um dos contratorpedeiros incorporados na classe, aos quais foram dados nomes de famosas batalhas, e que acabou de ser construído em 1945.

O nome do navio provém da batalha travada ao largo do porto de Lagos, em 1759. A esquadra britânica, sob o comando do almirante Boscawen, tinha estado a bloquear a esquadra francesa em Toulon, mas fora temporariamente forçada a retirar para Gibraltar, a fim de se reabastecer e de entrar em reparações devidas a mau tempo. Os franceses aproveitaram a oportunidade para se escaparem do porto, tentando unir-se à sua esquadra de Brest e invadirem depois a Inglaterra, mas foram avistados por uma fragata inglesa ao atravessarem o estreito de Gibraltar, na noite de 17 de Agosto.

ELECTRIFICAÇÃO do concelho de Faro

A Câmara Municipal de Faro foi autorizada a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 4.000 contos, destinado ao resgate da concessão de distribuição de energia eléctrica ao concelho, e à obra de remodelação e ampliação da rede existente.

ESTRADA de S. Marcos da Serra

Não podemos deixar de assinalar com regozijo que no próximo dia 20 se realiza o concurso público para construção do sub-lanço entre os perfis 0 e 242/243 do lanço da E. N. n.º 264, entre S. Bartolomeu de Messines e S. Marcos da Serra. A base de licitação é de 1.342.390\$00.

Por um notável esforço da marinhagem, foi substituída a aparelhagem de bordo, e em três horas a esquadra inglesa saía do porto e perseguia activamente aqueles navios.

Alguns barcos franceses desorientaram-se durante a noite e procuraram abrigo em Cádiz. Os outros foram apressados no dia seguinte, ao sul de Lagos, depressa tendo os navios da retaguarda sido aniquilados. Os navios da vanguarda, evitando enfrentar os barcos ingleses que lhes vinham ao encontro, fugiram para Lagos, onde dois deles, na precipitação, navegando a todo o pano, encalharam nos rochedos e naufragaram. Os restantes, ou foram queimados pelos seus perseguidores, ou capturados.

Conclui na 6.ª página

A saúde é a maior riqueza

É FÁCIL EVITAR

Alface, agrião, tomate, chicória e outras verduras podem conter micróbios trazidos pela rega com água impura. No entanto, tais germes são facilmente destruídos, sem que se prejudique o valor nutritivo das hortaliças, se elas forem passadas em água fervente durante meio minuto.

Livre-se de docenas, passando em água fervente, durante meio minuto, as verduras e legumes que devam ser ingeridos crus.



por CASIMIRO DE BRITO

Balanco de 1957

Agora que somos chegados ao 1958, que por aqui entrou envolvido por um barulho infernal, e que, apesar de criança ainda, já desatou a chorar que nem um perdido...

Não há ninguém, creio, que não esteja de acordo comigo no que se refere ao ano de 1957, em relação à cidade de Faro: foi um ano progressivo, um ano como não estávamos acostumados a notar.

Mas, se o ano de 1957 foi progressivo, não quer isso dizer que não tivesse tido também as suas 'unhas negras'.

Ora, Faro, este ano, sob a presidência camarária de um homem de rara tenacidade, passou, de facto, por um período que se pode classificar, abertamente, de feliz.

... a praia de Faro está em vias de se tornar mesmo uma Praia, com P maitúculo. Este ano levou-se para lá luz, água, serviço telefónico e muita boa vontade.

... os serviços de recolha de lixo (assunto que aparentemente cheira mal) também beneficiaram bastante: alguns caminhões devidamente cobertos, em lugar das porcalhonas carroças arrastadas por poéticos cavalos cansados...

... o pó, que era como que o emblema desta cidade sulista, também começou a desaparecer das nossas ruas.

... a visita a sua família, esteve em Almada, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Júlio Mendes.

... o pó, que era como que o emblema desta cidade sulista, também começou a desaparecer das nossas ruas. O pó e a lama, sua irmã co-laça! Claro que ainda há muitas ruas a necessitarem da camada indispensável de alcatrão.

Enfim, em notas desprezíveis, pelo que há de dificuldade no alinhar acontecimentos de um ano que já foi, apresentei alguns motivos para encarmos com um certo entusiasmo este ano que hoje começou.

Resta-me terminar com um lugar-comum que, meus caros amigos, é o melhor lugar-comum que conheço: A todos, um ano muito próspero. A ti, cidade, também...

Renascimento

À Maria, com saudade

Sob os umbrais da porta da saudade, num dia de cansaço e de derrota, em que a minha alma parecia tímida, lancei os olhos, com curiosidade...

E vi meus sonhos — sombra e solidade, perdido o sol daquela viva nota — queimando a cinza do ouro dessa quota que devemos à vida que se evade...

Cego na escuridão, perdi o rumo do meu olhar ardendo em cinza e fumo, de um bem, que em tempos fora grande, em sonho...

Sob os umbrais, voltei a olhar pra fora. Agora, o sol da esperança, acena e mora pra além de tudo o que na esperança ponto!

A. Vicente Campinas

Visado pela delegação de Censura

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Foi passar as festas de fim de ano a Huelva (Espanha), acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. dr. José Xavier da Silva Cavaco.

Seguiu para Lisboa, acompanhado de sua filha, a sr.ª D. Emília dos Santos Gomes, esposa do nosso assinante na capital, sr. José Luis Duarte Gomes.

Encontra-se em Lisboa, onde foi passar as festas do Natal, com sua esposa, o nosso assinante sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas.

Durante alguns dias, esteve em Vila Real de Santo António, com sua esposa e filho, o sr. Dante Barbosa Guerreiro, funcionário da SONAP e nosso assinante em Lisboa.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, nosso assinante em Lisboa.

A fim de se despedir de seu marido, nosso conterrâneo sr. Narciso Fernandes, que embarca no próximo dia 11 para a Venezuela, foi a Lisboa a sr.ª D. Maria Helena Peres Fernandes.

Estiveram alguns dias em Lisboa os nossos assinantes srs. Manuel Fernandes Ribeiro e Manuel Pires Gravanita.

Encontra-se em S. Bartolomeu do Sul, em férias, o nosso assinante sr. Justino José Sebastião, 1.º cabo da Companhia de Transmissões, em Tancos.

Esteve passando as férias do Natal em casa de seus pais, em Castro Marim, o sr. Egidio Bandeira da Fonseca.

Regressou de Lisboa a Castro Marim, depois de ter passado uma temporada em casa de sua irmã, a menina Maria Amélia Milhano Pessanha.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Flaminio José Gil, funcionário superior da F. N. I. M., prestando serviço em Loulé.

Segue para França, no próximo dia 15, ali permanecendo algum tempo, o sr. Manuel Alves Pessanha, nosso assinante na Cova da Piedade.

De visita a sua família, esteve em Almada, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. Júlio Mendes.

Foi a Lisboa, com sua esposa, o nosso assinante sr. Diamantino Leiria.

Seguiram para Évora, onde vão prestar provas para operadores do C. T. T., as sr.ªs D. Mabilia Machado e D. Maria Leonilde Cabrita da Silva.

Acompanhados de suas famílias, encontram-se em Lisboa o sr. João de Freitas Figueiredo Mascarenhas, de S. Bartolomeu de Messines e seu irmão Luis, de Lagoa.

Esteve em Lisboa o sr. José António Cabrita Grade dos Santos, funcionário da Adega Cooperativa de Lagoa.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carriho, Praça Marquês de Pombal, telefone 49.



Maria Rufino Neves AGRADECIMENTO

José Gaspar Neves, seus filhos e mais família vem por este meio agradecer publicamente muito reconhecidos a todos quantos se dignaram acompanhar à sua última morada a sua muito querida esposa, mãe, sogra e avó.

Casamentos

Na Parede (Oeiras), realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Rio com o sr. Nuno Alvaros Cabrita Grade dos Santos, chefe do escritório da Mexilhoira da Carregação da firma Feu Hermanos.

Na igreja de S. Pedro, em Faro, realizou-se no domingo o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Matos Junça Miguel, filha do sr. tenente João Miguel, comandante de secção da Guarda Fiscal em Vila Real de Santo António, e da sr.ª D. Maria-nha de Matos Junça, já falecida, com o sr. Eurico dos Reis Barros, funcionário da agência do Banco Nacional Ultramarino, em Beja, filho da sr.ª D. Maria dos Reis Barros e do sr. José Ricardo Barros, já falecido.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, sua mãe, e por parte da noiva, seu pai. Aos noivos, que seguiram para Lisboa, em viagem de núpcias, e fixaram residência em Beja, deseja o Jornal do Algarve muitas felicidades.

Na igreja de S. Bartolomeu, em Castro Marim, realizou-se no dia 28 de Dezembro, o casamento da sr.ª D. Maria Esteves com o sr. José Rodrigues Esteves, delegado escolar naquela vila. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus tios, sr. António Costa Esteves, nosso assinante, e sua esposa sr.ª D. Maria Eulália Nogueira Faisca Esteves, e por parte do noivo, o sr. José Machado Junior, 2.º sargento da Guarda Fiscal em Vila Real de Santo António, e sua filha, sr.ª D. Irene Machado. Ao novo casal deseja o Jornal do Algarve as maiores venturas.

Foi nomeado inspector, para o Algarve, da firma Bardahl Portuguesa, S. A. R. L., o nosso assinante sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, a quem apresentamos as nossas felicitações.

Nomeação

Foi nomeado inspector, para o Algarve, da firma Bardahl Portuguesa, S. A. R. L., o nosso assinante sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, a quem apresentamos as nossas felicitações.

Nomeação

OS ESCUTEIROS

de Vila Real de Santo António efectuaram a tradicional festa de passagem de ano

Na noite de 31 de Dezembro os escuteiros e dirigentes do Grupo N.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, efectuaram a festa de passagem de ano, tradicional no «60».

A patrulha «Poupa», vencedora do concurso «Centenário de Baden Powell», que findava naquela data, foi entregue um galardão artisticamente bordado, tendo o chefe do Grupo feito uma resenha da actividade desenvolvida em 1957 e anunciado as bases do concurso que a seguir se, em que, de novo, o trabalho teórico se aliará ao trabalho prático.

Realizou-se depois a cerimónia do Compromisso de Honra dos aspirantes Alexandre Fernandes Azul e José Augusto Silva Nascimento, que ingressaram na patrulha «Poupa» e António Carlos Ramires da Cruz e Manuel Joaquim Neto Gomes, que ingressaram na «Águia».

A festa terminou com um chá servido aos presentes, sendo a entrada no novo ano por todos saudada com regozijo.

ECONOMIA

A frota de Lugo pescou na temporada finda duas mil toneladas de albacoras

LUGO — (Especial para o Jornal do Algarve) — Uma das fontes de riqueza desta província é a pesca, e a circunstância de a temporada de albacora que acaba de findar ter sido das mais produtivas de que há memória, vai contribuir de certo para que se precipite a modernização da nossa frota na qual está empenhada a Junta Provincial de Protecção Pesqueira, a que preside o sr. Otero Aenlle, governador civil desta província.

A partir dos primeiros dias de Junho até meados de Novembro, quarenta embarcações do litoral lucense se dedicaram à «costeira» da albacora. No primeiro mês a pesca foi má. Apenas se obtiveram 6.528 quilos que renderam na lota 92.296,50 pesetas.

Quase toda a albacora foi absorvida pelas fábricas de conservas. No nosso litoral existem 25 das quais nove trabalham a pleno rendimento durante toda a temporada.

Pode dizer-se que a temporada da albacora foi excepcional. - R. M.

Produção da pesca nos últimos dez anos

Foi a seguinte, em toneladas, a produção total de pesca do País na última década, acrescentando-se o valor da mesma em contos:

Table with 3 columns: Year, toneladas, valores. Rows from 1947 to 1956.

Acordo comercial entre a Grécia e a Alemanha

No acordo comercial entre a Alemanha e a Grécia que entrou em vigor no dia 1 de Outubro ficou assente que este último país poderá exportar para aquele os seguintes contingentes: vinhos de mesa, 6.500.000 litros; vinhos para a fabricação de «vermouths», 1.212.500 dólares; azeite de oliveira, 125.000 dólares; conservas de peixe, 12.500 dólares e frutos e legumes frescos, 625.000 dólares.

Diversas

A Câmara Sindical Agrária de Múrcia está a desenvolver uma campanha contra as pragas das fruteiras, especialmente da laranja. Os tratamentos aplicam-se na árvore ou nos armazéns, vigiando-se rigorosamente as condições da fruta exportada.

Até Novembro findo tinham sido licitadas na lota de Santos (Lisboa) 39.412 toneladas de peixe do arrasto, no valor de 201.139 contos e na lota da Ribeira, 1.901.763 quilos, no valor de 17.215 contos.

Na semana finda a alfarroba obteve as seguintes cotações, em Espanha: 5,20 pesetas, o quilo, em Ríoseco; o mesmo preço em Mayorga; 5, em Villalón e 4,90, em Peñafiel.

Na Turquia espera-se uma colheita de citrinos superior à da campanha passada, em que se obtiveram apenas 200.000 caixas. Em Marrocos devem colher-se esta temporada 279.000 toneladas; Na Argélia 258.000 e na Tunísia, 32.000 toneladas.

Uma lata de sardinha portuguesa de 1/4 club vende-se no Brasil a 55/60 cruzeiros, vendendo-se a conserva espanhola do mesmo tipo entre 35/40 cruzeiros.

LOTAS DO ALGARVE

Vila Real de Santo António

de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro

Table with 2 columns: Lot name, value. Rows: RAJADA, BRISA, LEVANTE, LIBERTA, VULCÃO, Total.

Olhão

de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro

Table with 2 columns: Lot name, value. Rows: ESTRELA DO SUL, CLARINHA, OESTE, COSTA AZUL, RESTAURAÇÃO, NOROESTE, TÓLIS, SALVADORA, LUIS FERNANDO, Total.

Armação de Pera

de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro

Valor da pesca neste período

Total 18.518\$00

Portimão

de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro

Table with 2 columns: Lot name, value. Rows: LUA NOVA, MARIA SÉRGIO, SARDA, MARIA BENEDITO, LULA, LA ROSE, FLORA, SR.ª DO CAIS, PÉROLA ALGARVIA, DORITA, PÉROLA DO OCEANO, CINC, PÉROLA DO BARRILETO, FÓIA, SR.ª DO ALTAR, PÉROLA DO ARADE, MARIA DO PILAR, S. PAULO, BORGES DO REGO, ERICSA, PRAIA DO VAU, MARIA ODETE, COSTA AZUL, VIRGEM TE GUIE, TRIO, PRAIA AMÉLIA, ORESSA, FARIILHO, CRISTINA LEOTE, LUSITANA, PORTUGAL 6.º, SATÚRNIA, COSTA D'OTRO, Total.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 27 de Dezembro a 2 de Janeiro

ENTRADOS: Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Português «Caramulo», de 840 ton., de Safi, com gesso; Portugueses «Maria Christina», de 549 ton. e «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazios; Alemão «Rimberg», de 1212 ton., de Leixões, vazio; Francês «Penthièvre II», de 2654 ton., de Nantes, com folha de flandres.

SAÍDOS: «Maria Christina» e «Mira Terra», com minério, para Lisboa; «Caramulo», vazio, para Ayamonte; «Penthièvre II», com carga em trânsito, para Alger; «Zé Manel», com minério e enxofre, para Lisboa.

- BARDAHL -

ANTOLOGIA POÉTICA

coordenada por C. B.

6) MARIA ROSA COLAÇO

Apesar dos seus vinte anos, Maria Rosa Colaço não é completamente desconhecida, pelo menos não é uma estranha. Colabora em vários jornais, todos eles de jovens. É um dos elementos mais originais, mais valorosos, desse Movimento Convívio que, tendo nascido no jornal provinciano «A Planície», é actualmente a base de muitas centenas de jovens portugueses, todos eles esperanças num rejuvenescimento da Cultura portuguesa.

Maria Rosa Colaço nasceu em 1935 e é aluna finalista do Magistério Primário de Évora. É de Torrão. Prepara um livro que denominou «Histórias da Solidão e das Estrelas».

A sua poesia existe em tudo o que escreve. Embora se cante de nos dizer que não é poetisa, o certo é que é poesia tudo o que Maria Rosa nos oferece. Segue-se um dos seus poemas recentes, integrado naquela esperança que é, que deve ser, a chave de ouro de toda a poesia jovem.

NÃO DIGO O TEU NOME

Não digo o teu nome mas escrevo para ti estas palavras salgadas de suor e impotência. E digo-te, meu amor desconhecido, que nas horas tristes, nas horas amargas, é por ti que luto, espero e confio num mundo melhor.

É por ti que em cada manhã abro a janela e deixo entrar o sol e o nevoeiro o canto dos pássaros e o cheiro das flores.

Amor espero-te desde o princípio do mundo e apenas tenho para ti este molho de palavras vulgares que nada dizem da estrada que levaria à grande certeza.

entusiasmo



COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE!!

FOGÕES FRANCESES DE FAMA MUNDIAL MAIS RENDIMENTO MENOR CONSUMO ACABAMENTO IMPECÁVEL

SE AINDA NÃO CONHECE OS FOGÕES FAR, PERGUNTE DAS SUAS QUALIDADES DE FABRICO E RENDIMENTO A MAIS DE DOIS MILHARES DE BOAS DONAS DE CASA QUE OS UTILIZAM!

A GÁS-A GAZCIDLA

(Adaptáveis a qualquer Gás) À venda na CIDLA, Lisboa, em todas as suas Agências no País e nas casas da especialidade

A BOA COZINHA NO LAR SÓ COM GAZCIDLA E FOGÕES «FAR»

Com FARGRIL, o grelhador ideal, fará sempre bons gelhados

DISTRIBUIDORES: J. COSTA & SILVA, LDA.

Sua Arco de Bandeira, 79, 1.º - LISBOA - Telefone 26713 AVEC FAR VOUS NE DIREZ JAMAIS... SI J'AVAIS SU!



Desir com termostato



Intimité

CONCESSIONÁRIO

Deseja-se nomear neste distrito para artigos de:

**PESCA - CAÇA SUBMARINA - DE DESPORTO EM GERAL
BRINQUEDOS E JOGOS DE SALA**

Enviamos condições só para comerciantes estabelecidos ou que pretendem abrir estabelecimento para este ramo

PEDIDOS A **SPRIL-SPORTS**
Rua do Carmo, 21
LISBOA

IMPORTANTE: Damos preferência a comerciantes que estejam dentro do meio desportivo.

O BASQUETEBOL E A SUA EVOLUÇÃO em Vila Real de Santo António



A PRÁTICA do basquetebol em Vila Real de Santo António, encarada agora a sério pela jovem equipa do Lusitano Futebol Clube, nem sempre teve o carinho e estímulo que seria de desejar. Enquadrado nos chamados desportos pobres, por consequência de difícil manutenção, tem-se feito algumas tentativas para o impor no nosso meio desportivo, meio por vezes hostil e quase sempre indiferente a desportos diferentes dos chamados das multidões, como o futebol. Por motivo dessa indiferença, as diversas tentativas feitas para se criar e manter uma equipa de basquetebol, desporto cheio de interesse, virilidade, movimento e entusiasmo, têm frassado.

Vimos o Clube Náutico, em 1939/40, tentando formar uma equipa, para o que ainda fez alguns treinos.

Em 1940 cria o Lusitano uma secção de basquetebol que prometia vingar, não só pelo elevado número de praticantes como pela transformação do seu campo de ténis a campo da modalidade em questão. Depois de alguns jogos realizados, embora sem carácter oficial, com algumas equipas do Algarve e com os célebres polacos, a secção des-

tentativa, agora levada a cabo pelos clubes populares, especialmente pela Académica e Flor de Lis. Durante dois a três anos viu-se essas dezenas de rapazes lutando com uma vontade e persistência dignas de aplausos, realizarem treinos e jogos, entre si e com alguns clubes de Olhão e Faro, nomeadamente «Os Olhanenses» e o grupo da «Casa dos Rapazes».

Luís Viegas da Silva, grande amigo do Lusitano e da sua terra, dinâmico e por vezes sacrificado director do Lusitano, com a visão desportiva que há muito nos habituámos a apreciar, sentiu que era chegado o momento de o Lusitano ter mais uma secção desportiva. E, assim, propondo aos seus colegas a criação da secção de basquetebol, e chamando os rapazes mais qualificados da modalidade, capitaneados pelo seu treinador Andrade, tornou essa secção numa realidade.

Já na época de 1956-57 vimos o Lusitano concorrer ao campeonato de abertura e ao do Algarve. Se no aspecto prático do jogo o comportamento da jovem equipa não foi brilhante — o que não nos admira dada a sua inexperiência — o mesmo não podemos dizer do aspecto desportivo, pois uma taça premiando o desportivismo de um clube não se ganha facilmente, e os rapazes do Lusitano tiveram jus a esse prémio.

A época 1957/58 começada há pouco, deu-nos ensejo de apreciarmos os progressos técnicos da equipa, porque na verdade esses progressos existem, como o atestam os resultados obtidos nos jogos já realizados. Que os progressos se acentuem que o desportivismo desses jovens.



A equipa de basquetebol do Lusitano Futebol Clube

pareceu, talvez por falta de ambiente. Doze anos mais tarde houve nova

Campeonato Distrital — 4.ª jornada

S. C. Olhanense, 32
C. F. «Os Bonjoanenses», 53
(ao intervalo 16-16)

SCO: Flávio (17), Cipriano-Correira (6), Brito (7), Pité (2), Martins (2), Amaro (2).

CFB: Cunha (2), Bernardino (4), Jesuíno (2), Cruz (12), Ferreira (15).

Árbitro: António A. Amadeu do Serro. Marcador: Eduardo Pires. Cronometrista: Manuel Saias.

S. C. Farense, 90
Ginásio C. Olhanense, 24
(ao intervalo 39-14)

SCF: Vinhas (35), Gago (37), Mónica-Eurico (12), Bastardinho (8), Belchior.

GCO: Pinto (10), Franco (1), Gonçalves (8), Graça (5), Frazão-Lázaro.

Árbitro: Mário José Marcelino. Marcador: Joaquim Jacinto dos Santos. Cronometrista: José Joaquim O'Brien Oliveira.

S. Lisboa e Faro, 34
Lusitano F. C., 33
(ao intervalo 15-17)

SLF: Xavier (2), Jorge (5), Carvalho (8), Pinto (9), Alexandre (2), Rocha-Cavaco (8), André.

LFC: Gavino (16), Carro (5), Andrade (2), Leal-Branco (9), Pinheiro (5).

Árbitro: Gilberto M. Ferreira. Marcador: Orlando J. Miguel da Silva. Cronometrista: Manuel Adanjo Inácio.

Jogos para amanhã

Lusitano F. C. - S. C. Olhanense (Campo F. G. Socorro, Vila Real de Santo António). C. F. «Os Bonjoanenses» - Farense (Campo Bom João, Faro). Ginásio-C. D. «Os Olhanenses» (Campo Ab. Gouveia, Olhão). Antes do jogo Ginásio-«Os Olhanenses» realiza-se um jogo entre as «segundas» dos mesmos clubes, únicos que disputam o Campeonato desta categoria.

O proprietário do CAFÉ SPORT de Matosinhos

Cumprimenta todos os seus clientes e amigos algarvios, desejando-lhes e a suas Ex.ªs Famílias, Boas Festas e um Ano Novo cheio de felicidades.

ACTUALIDADES

DESPORTIVAS



Campeonato Nacional de Futebol (II Divisão)

JORNADA

100% alentejana — 100% desoladora

Quase não houve «Algarve»...

Farense, 3 — Serpa, 2

Marcadores: Queimado, Remígio e Balela

«Fotografia» errada do jogo desenvolvido — a do marcador de «S. Luís». Mesmo sem três das suas pedras fundamentais — Tarro, Vieirinha e Armando — o «Leões de Faro» chegou para os alentejanos, e poderia ter ido mais longe, a concretizar a sua superioridade como equipa.

Conquanto fora dum sistema de «algemas defensivas», o Serpa não se mostrou equipa de convicção no seu todo, especialmente no ataque, vindo a marcar os seus golos de duas oportunidades esporádicas, com algo de consentidos.

São de citar as presenças de Ventura, Reina, Bento e a de Francelino, muito voluntarioso como médio de

SELECCÃO DA SEMANA

Abade (Isaurindo)
Reina Ventura J. Maria
Francelino Bento
Costa Cava Ângelo Vinagre Sílvio

ALGARVE-LISBOA (em números)

ALGARVE	51	54	2	15	96-59	70 pontos
Lisboa	51	19	8	24	99-98	46 pontos

ataque, enquanto actuou a «número 4».

Portalegrense, 3 — Portimonense, 1
Marcador: Jorge

As equipas em afixão com o «ter-

mómetro» da tabela, constituem sempre um problema.

Os barlaventinos acusaram os «crescendos» dos «aziús», e, conquanto dessem às suas características de luta um excelente espírito de réplica, não puderam contrabalançar o ímpeto de um grupo que, jogando no seu clima, desceu ao terreno com os olhos postos na seguinte legenda: «Ou hoje ou nunca mais...», que tem vindo a constituir a tese das equipas de baixa cotação.

Assim, os barlaventinos marcaram passo na bicha para o 3.º lugar, que cada vez mais se avoluma.

A salientar, como os melhores dos algarvios, os nomes de Daniel, Jorge e Di Paola.

Juventude, 1 — Olhanense, 0

Em Évora, Olhanense e Juventude bateram-se de igual para igual, em «tu cá, tu lá», trocando «frases» de futebol de bom esquema, chegando assim ao 80.º minuto sem golos, com um ataque espelho do outro em ineficácia nos remates.

A dez minutos do fim, a sorte do jogo ficou ditada, com um golo dos alentejanos, e os algarvios tiveram de render-se, sem possibilidades de afinação no ataque nem de recuperação em tão escasso tempo.

Um golo solitário acabou afinal por decidir uma contenda que se esperava repleta de interesse e que não desiludiu.

A derrota do Olhanense tem atenuantes, se considerarmos que a equipa actuou com falta de peças fundamentais — sobretudo no ataque.

Jogos para amanhã

PORTIMON., 20 p. - FARENSE, 27 p.

Difícil, mesmo muito difícil, para ambos, esta jornada. O 2-1 de «S. Luís» esteve longe de ser marca definitiva e convincente, quer para o 1.º tempo dos barlaventinos, quer

Conclui na 4.ª página

Conclui na 5.ª página

- V E L A -

Curso de Monitores da M. P.

A fim de aperfeiçoar e completar os conhecimentos adquiridos no Curso de Monitores de Vela, que funcionou no Centro de Faro, o qual foi, como noticiámos, superiormente dirigido pelo sr. Clemente Garcia Simão, director-adjunto do Centro de Vela de Lisboa, começou em Lisboa, no dia 26 de Dezembro, a parte final deste curso.

Para esta segunda parte, que terminará no dia 20 de Janeiro, foram escolhidos os dois melhores elementos de cada Centro algarvio, pelo que seguiram para Lisboa oito rapazes do Algarve, respectivamente dos Centros de Faro, Olhão, Tavira e Portimão.

O Centro de Lagos não foi convidado a enviar rapazes, porquanto, inexplicavelmente, não enviou ninguém à primeira parte deste curso, quando do seu funcionamento em Faro.

Esta 2.ª parte complementar do curso foi dirigida pelo sr. eng. Carlos Lourenço, inspector dos Serviços de Instrução Náutica da M. P., que teve como coadjutor o sr. Clemente Garcia Simão. Frequentaram a parte complementar do curso 15 rapazes, sendo 8 do Algarve, 3 do Porto, 2 da Murtosa, 1 de Lisboa e 1 de Setúbal.

Pena é que o Centro de Vela da M. P. de Vila Real de Santo António ainda continui encerrado, e, por esse facto, os jovens de Vila Real

não possam frequentar tão útil curso, visto ser notória a sua falta no Sotavento Algarvio.

Estamos certos de que o sr. dr. Romão Duarte, novo Comissário Nacional Adjunto da M. P., a quem os problemas da M. P. no Algarve merecem particular interesse, não deixará, na sua projectada viagem ao Algarve, na Páscoa, de resolver os obstáculos que se opõem à reabertura imediata do Centro de Vela da M. P., em Vila Real de Santo António.

Curso de Vela no S. L. e Faro

A Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro, que acaba de conseguir a ligação da água ao seu Posto Náutico e que vai muito proximamente iniciar algumas obras de beneficiação, que reputa necessárias para um melhor e mais eficiente funcionamento do mesmo Posto, além de ter em estudo um interessante e variado calendário de regatas a realizar no próximo ano, segundo já foi anunciado no semanário «Folha do Domingo», projecta ainda iniciar, nos princípios de 1958, um curso de propagação e estudo da técnica e tática da vela desportiva.

As sessões deste curso serão abertas a todos os dirigentes e desportistas «vélcos» e ao público em geral e deverão ser orientadas por vários dirigentes e técnicos algarvios, a quem serão dirigidos convites.



Estaleiros algarvios fazem barcos para Angola

Nas oficinas-estaleiros de mestre Félix Correia, em Faro, está em construção uma série de 7 «Moths» do tipo «Orion», sendo 6 para o Clube Desportivo Nun' Álvares, de Luanda (Angola) e um para Faro.

Cremos que pela primeira vez é dada uma encomenda tão avultada a construtores algarvios, cujo trabalho, em absoluta igualdade de preços, foi preferido ao dos estaleiros da especialidade de Lisboa e Cascais, facto este que honra a nossa Província e os seus artífices e que pode e deve ser o ponto de partida para um maior e melhor desenvolvimento da vela desportiva algarvia, pois mestre Félix Correia, fiel ao princípio de que a vela só se pode desenvolver verdadeiramente dando possibilidades aos jovens velejadores de adquirirem um barco próprio, resolveu fazer a construção em série de embarcações da classe «Moth» para serem vendidas a prestações suaves e ao alcance de todas as bolsas.

Também o jovem Daniel Santana está construindo nas oficinas da Escola Industrial e Comercial de Faro, para o que se matriculou no Curso de Aperfeiçoamento de Mar-

MELHOR LUBRIFICAÇÃO
MAIOR CONSERVAÇÃO

Assembleias Gerais

Misericórdia de Loulé

Foram eleitos para a mesa da Misericórdia de Loulé que administrará a instituição no triénio de 1958-60, os srs. dr. Jaime Guerreiro Rua, provedor; João Farrajota Alves, vice-provedor; José Centeio de Sousa Martins, secretário; dr. Manuel Barreiros, tesoureiro; João Rocha Mendonça, Francisco José Ramos e Sebastião Rodrigues Marques, vogais.

Associação de Socorros Mútuos «Protectora dos Artistas», de Faro

Em Assembleia Geral da Associação de Socorros Mútuos «Protectora dos Artistas», de Faro, realizada em 20 de Dezembro, foram eleitos os corpos gerentes para o corrente ano, assim constituídos:

Assembleia Geral—Eduardo Martins Seromenho, Manuel de Carvalho Rasquilho, Orlando da Encarnação Sequeira Rita, Rui Tomás Vieira Faisca, António João de Brito e José Joaquim O'Brien de Oliveira.

Direcção — Efectivos: dr. José de Campos Coroa, eng. Francisco Dias da Costa, José Maria Gomes Ferreira, José Inácio Guieiro Pereira, Francisco Cabeleira, Manuel Domingos Canas e Manuel dos Santos Costa. Substitutos: Rolando Serano Santos, Jaime Machado Valente, Duarte do Nascimento Infante, Rogério Pires Costa, José dos Santos Gordinho, Joaquim Vieira e António José do Patrocínio.

Conselho Fiscal — Efectivos: José Marciano Nobre, José António Gonçalves Júnior e José Martinho Nobre Vargues. Substitutos: António Emídio Centeno, António dos Santos Capela Júnior e Jorge Madeira Santos.

Comissão Administrativa do «Fundo Auxiliar» — dr. António Miguel Galvão, Alvaro António Guerreiro Rebeca, José Inácio Guieiro Pereira, Henrique Marçal Aboim e Jaime Custódio Passos.

Cine-Clube de Faro

Em Assembleia Geral Ordinária realizada em 21 de Dezembro, foram eleitos os seguintes corpos gerentes para o corrente ano:

Assembleia Geral — Aníbal da Cruz Guerreiro, Paulo Joaquim de Brito, José Eduardo Nobre e Duarte Nascimento Fernandes.

Direcção — dr. António Teixeira Marques, dr. José Neves Júnior, agente-técnico José da Costa Mendes, João Manuel Mira Matos, dr. Fernando Cândido Furtado, dr. Emílio Campos Coroa e Jorge Celestino Mascarenhas.

Conselho Fiscal — Paulo António dos Santos Domingos, Manuel da Costa Alves Infante e Manuel de Brito Vargas.

Ginásio Clube de Faro

Os novos corpos gerentes do Ginásio Clube de Faro, eleitos na última Assembleia Geral, são os seguintes:

Assembleia Geral — Francisco Guerreiro Barros, António Emídio Centeno, Paulo Joaquim de Brito Júnior e António Camilo do Nascimento.

Direcção — Efectivos: dr. Joaquim Rocha Peixoto Magalhães, António José do Patrocínio, Mário Ramos Guerreiro, João Manuel de Mira Matos e José Alexandre de Brito. Suplentes: tenente Joaquim José Bernardo, Alcide Gomes Faria, António José Ventura Leiria, Ildefonso Oliveira Peres e Carlos Augusto Martins Soares.

Conselho Fiscal — Efectivos: João dos Santos Oliveira, Amílcar Nepomuceno Aleixo Fazenda e José da Glória Morgado. Suplentes: Alberto Marques da Silva, José Fernandes Guerreiro e Sebastião Jacinto Miguel Pedro.

Poemas da Solidão Imperfeita

Acaba de ser publicado o livro de poesias «Poemas da Solidão Imperfeita», do nosso colaborador Casimiro de Brito. Este volume de poemas é composto pelos seguintes livros: «A Biografia Negra», «O Aço das Lágrimas» e «Abraço na Ilha Verde».

Esta obra é distribuída pelo seu autor, pelo que os interessados poderão fazer os seus pedidos para C. B., Rua Bocage, 140 — Faro, visto que o livro só será distribuído por algumas livrarias.

“MOLAFLEX” Standard

(colchão em medidas fixas)
O colchão ideal com garantia de duração e óptima comodidade, custando mais barato que o vulgar colchão de lá.
Temos sempre em depósito para entrega imediata, estes colchões, que vendemos a pronto e com grandes facilidades de pagamento.
O revendedor autorizado
ÁLVARO CORREIA DE CARVALHO
Rua Dr. Paula Nogueira, 29
Telefone 251 — OLHÃO

O NATAL DE ROSA MARIA

(Conclusão do número anterior)

— Porque te ris?
Ela agarrou-lhe um ombro com força.
— Sabes? Às vezes penso que não nasces-te para ser pescador.
— Tolices!...
— Não. Não sei bem porque, acho-te diferente dos demais...
— Talvez porque não lidas com eles.
A jovem abanou enérgicamente a cabeça.
— Não, não é por isso. Eu sei o que digo!
António afagou-lhe a mão meigamente, e quedou-se silencioso. Aos seus ouvidos experimentados, chegava de longe um surdo rumor anunciando que o temporal que assolara o litoral, não se tinha dissipado totalmente. O mar, embora com menor intensidade, bramava ainda furioso, lançando ondas de espuma contra a costa baixa e arenosa.

Sons roucos soaram acima deles. Um bando de gaiotas adejava sobre as suas cabeças, grasnando assustadoramente.
Rosa Maria, inclinada para traz, seguia o voo das aves com o olhar.
— Gostava de ser gaiota, António?
Este fitou-a, surpreso, ante aquela pergunta inesperada. Soltou uma pequena gargalhada e passou a mão pelo cabelo levemente ondulado. Não obstante respondeu muito naturalmente:

— Talvez gostasse. Pelo menos nunca daria com o meu cadáver.
Foi a vez da rapariga ficar perplexa.
António encarou-a sorridente.

— Como? Não ouviste ainda falar sobre a lenda das gaiotas?
— Não.
— Há uma lenda muito antiga que diz não se saber onde morrem as gaiotas!...
— Deve ser linda. Conta António!
O rapaz desculpou-se.

— Logo te conto noutra ocasião. Está-se a fazer tarde. É melhor abalarmos. Não sentes frio?
— Só vou daqui quando me contares a história.
— Oh menina. Tenho fracos recursos de narrador!
— Vá lá...
— Aonde?
Rosa Maria choramingou, amuada.

— Conta lá, não estejas a brincar.
— Eu estou mas é com frio! Brrrrr...
— Não te faças parvo.
Ele fingiu-se zangado.

— Ah, sim? Pois agora é que eu não conto. Não tem vergonha, chamar parvo ao seu futuro marido!
— Brinçalhona, a jovem agarrou-o pelos cabelos.
— Contas ou não contas.
— Ai, ai...
E travou-se uma pequena luta no areal daquela hora deserto. Súbitamente ouviu-se uma voz rouca ali perto.

— Olá!...
Rosa Maria soltou um pequeno grito de susto. O companheiro estremeceu. Entretidos como estavam na brincadeira não haviam dado pela presença do homem, que se acercara sem fazer ruído.
António depressa recobrou o sangue frio.
— Olá, José!

O recém-chegado expeliu uma grossa fumaça do cigarro que trazia entre os dedos. Os namorados levantaram-se. A jovem agasalhou-se melhor no casquinho de lá.
— «Tás» a ouvir o mar, «António»? — perguntou o outro.
— Sim!
— Já não «marulha» tanto. Eu cá saio amanhã... e tu?

António da Costa cerrou os dentes. A namorada porém adiantou-se-lhe. A sua voz era cortante como o gume duma faca de escalador.
— Nós, o António e eu, casamos depois de amanhã!...
O mareante torceu, num trejeito nervoso, o pescoço para o lado direito e cuspiu. Em seguida murmurou:

— Ah! E' verdade.
Soprou outra baforada e mirou lentamente o céu. Nem uma nuvem. Depois do vendaval vem a bonança.
— Pois é verdade, eu saio! O «mareote» que «tá» aí já não é nenhum. Se a gente não aproveita estas ocasiões «tamos» bem arranjados. Até o dinheiro do bacalhau se vai ao ar!...
— Dependê daquele que se trouxe!
Um brilho estranho iluminou as pupilas pequeninas do Laranjo. Mas foi só por um momento, porque tornou no mesmo tom de voz:

— «Depois» deste tempo que houve, tenho a certeza de que deve haver muito polvo nos alcatruzes. Se eu amanhã não vender pra cima de quatrocentos «menreís», não sei o que diga!
Rosa Maria puxou nervosamente pela manga da camisola do namorado.
— Vamos, está a arrefecer!
Começaram a caminhar em direcção à estrada.

O outro voltou ao assunto.
— O «António», tu agora também puseste murejonas no mar?
— Pus, porque?
— Fizeste bem, onh! Sempre dá mais qualquer coisa. O meu primo, só de salmoneiros vendeu alguns duzentos e tal «menreís»!
— Apanhou muitos, não? — inquiriu Costa interessado.

— Qual? Não senhor, onh! Aquilo vão «pros» olhos da cara. E pode-se apanhar também um polvo; mesmo pequeno que seja, já ajuda!

— Claro.
António voltou a cabeça e olhou para o oceano. De facto parecia-lhe já não ouvir o mar soar com tanta violência.

Rosa Maria tornou a agarrar-lhe o braço, para apressar o andamento. Uma aragem cortante começara a soprar com certa insistência.

— Cá a mim o tempo não me mete medo — e José olhou de soslaio para o seu antigo rival — Este Inverno temos pescado pouca coisa. No aproveitar é que vai o ganho. Além disso não sou rico nenhum!

António concordou. Nem ele o era tampouco. Pertencia à numerosa família dos pescadores e isso era uma prova concludente. Uma moíña impertinente instalara-se no seu cérebro. Em vão a tentou expulsar; mas o seu orgulho, o seu amor próprio opunham-se a essa tentativa de expulsão chamando-lhe cobarde. Ah! Mas enganavam-se. Ele não era cobarde. Prová-lo-ia!... Então o outro seria mais corajoso do que ele, para vexá-lo daquela maneira? Bah!... Se ele saía, sairia também! Quase que tinha a certeza de que os camaradas aceitaríam de bom grado essa notícia. Pudera!... Estavam encolatados até à raiz dos cabelos. Só a ele deviam para cima de dois contos, o que não seria no padeiro e na mercearia?... Estava resolvido. Iria ao mar!...

— Bem, até amanhã.
Era o Laranjo a despedir-se. Retribuíram o cumprimento e, de braço dado, alegremente por se verem livres daquela «ave», subiram a calçada que os levava a casa do Ti Manel dos Anjos.

A despedida, o rosto bonito de Rosa Maria, mostrava-se apreensivo.
— António.
— Que é, querida?
— Não saias.
— Para onde?
— Pró mar. Julgas que eu não adivinho os teus pensamentos?
O rapaz soltou uma gargalhada.

— Pareces assustada.
— E estou. Faz-me a vontade. Não vás ao mar na véspera do nosso casamento. António, diz-me que não vais!...
Ele, brandamente, retirou-lhe as mãos que se agarravam com força à sua grossa camisola de lá.

— Ouve, Rosa Maria. Não vejo motivo algum para inquietações. Pode ser que eu tenha um bom dia de pesca. Os meus camaradas também precisam de ganhar a vida!
Ela abanou a cabeça com energia.

— Não, António. Estás talvez a convencer-te a ti mesmo. O que tu não queres é ficar por baixo do José Laranjo. Oh! meu Deus, como o odeio!...
— Então, nunca ainda te tinha visto assim! Vamos Rosa Maria, dá-me um beijo.
— Não — replicou.
— Não? — tornou ele sorrindo.

Num arrebatamento a jovem lançou-se-lhe ao pescoço beijando-o e pedindo-lhe entre lágrimas:
— Tem cuidado, querido. Sim?
— Mas...
— Não digas nada. Só quero que te recordes duma coisa: Que amanhã é véspera de Natal. E que dia de Natal...
...é o dia mais feliz da minha vida — concluiu o jovem beijando-a alegremente e fazendo-lhe um gracioso aceno com a mão.

Rosa Maria ficou entre portas vendo-o afastar-se no seu andar desajeitado. E duas lágrimas brilhantes rolam-lhe pelas lindas faces rosadas.

DE manhã cedo, ainda havia estrelas no céu, já a tripulação do «Senhora do Carmo» — assim se denominava o bonito saveiro de António da Costa — se encontrava a bordo. Compunham-na três homens.

Com olhos ensonados, Manelinho, uma espécie de homem, de barba mal feita e boina à espanhola, içava a vela com gestos molengões. Taranga, primo do mestre, andava ali a bordo por favor. Era bom pescador mas muito zaragateiro. Tinha já passado por todos os barcos da Fuseta, até o António o haver recebido a bordo da sua embarcação.

Nesse momento esgotava a água com o botador. Entretanto o mestre, de dentes cerrados, puxava a poita, com quantas forças tinha.
— Parece que a gente vai a ter tempo!...
Fora Manelinho quem falara.
— Ah! — contradisse Taranga — Isto é ventinho da manhã? Diz que sim e deixa-o.
— O «home», então não se vê logo?
— «Tá» bem, onh!...

Insensível àquele diálogo, António colocou-se ao leme e deu ordem de largada. Em redor deles imperava o silêncio, só quebrado de quando em vez, por uma rajada de vento mais forte, ou pelo marulhar das ondas na costa. Grandes, sobressaindo do denso nevoeiro, descortinavam-se os pesados barcos da caçada, baloiçando, como fortes animais sonolentos.

Vogaram em direcção à Ilha de Ponente e contornaram a ponta de areia que formava um pequeno cabo, entrando então na barra onde a vaga era alterosa. Borrifos frios fustigavam-lhes os rostos, produzindo-lhes arrepios e obrigando-os a aconchegarem ao corpo a roupa de oleado.

Seriam talvez oito horas da manhã, quando chegaram ao local da pesca. O mar adquirira uma tonalidade escura e ao sopro do vento cortante, formara-se pequena vaga que man-

tinha o pequeno saveiro em constante movimento.

— Sabem uma coisa? — berrou Taranga — Vamos ficar feitos nuns pintos! Olhem para isto. Pingos de chuva tamanho de «calhêus»!...

— A corroborar as suas palavras principiou a chover torrencialmente, enquanto o vento aumentava de intensidade.

António da Costa circunvagou o olhar pelo oceano. Nenhum barco idêntico ao seu. Nenhum choqueiro. Nenhum polveiro. Viera então só ele? Mas então... Cerrou violentamente os punhos e descarregou um murro numa coxa que abateria um boi.

Maldito! Enganara-o... E o parvo cair no logro. Ergueu-se repentinamente e gritou: — Eh! Toca a ressegar! Ele verá quem é o pescador!...
— Quem, quem? — interrogou Manelinho.
— Não é ninguém.

As primeiras murejonas foram puxadas para bordo e mal as avistaram, os homens saltaram brados de admiração e alegria. Vinham cheinhas de peixe. Uma delas trazia até dois polvos pequeninos.

— «Avai!»... — exclamou Taranga.
Que bela pescaria! Ainda bem que se tinha lembrado de sair. Aquele peixe renderia uma bela mão-cheia de escudos na lota. Talvez ganhasse mais se vendesse à sonoga, mas isso era contra os seus princípios. Já que Deus lhe dera tanto peixe, haveria de vendê-lo como as leis dos homens determinavam.

— Eh, pá. Nunca vi tanto peixe — dizia Manelinho — Faz-me lembrar uma vez lá em Marrocos com o Ti Zé Lopes. Os moiros até grunhiam de «sastifação»!...

O céu entretanto tingira-se de cinzento. O sol, encoberto, não se descortinava, nem aquecia. O dia era de tormenta.

— «Tás» a ver? Eu não dizia? Vê lá agora se tivemos ou não tivemos tempo?
— Cala-te diacho! E's um «agoiro». Não vês que são travessias?

Com o rosto branco provocado pela «ronciana», António sorria nervosamente debruçado na borda da embarcação, que jogava de modo assustador.

— Dá aos remos, Taranga!
— Eu rendo-o!
Novas murejonas foram puxadas para bordo do saveiro. O peixe abundava. Os homens nem davam pelo temporal que se desencadeara bruscamente e fitavam extasiados a colheita daquele dia de trabalho.

De súbito, o mestre desfez o encantamento.
— Hé! Vamo-nos embora.
Ninguém ripostou e o «Senhora do Carmo» fez-se de rumo à terra.

O oceano metia horror. Grossas vagas cavavam-no de Este a Oeste, ora elevando o barquinho nos seus cumes espumejantes, ora afundando-se em verdosos abismos que se abriam como gigantescas e vorazes bocas.

Coragem!
A barra já não se encontrava longe.
— E' preciso muito cuidado agora. Puxa a escota Manuel!
Na barra a rebentação era terrível. Ondas alterosas entrechocavam-se furiosamente e tombavam com mil mugidos sobre a areia da costa. O vento nos ouvidos dos tripulantes do saveiro soava lúgubremente.

— Coragem! Está quase.
De súbito, uma vaga enorme como uma montanha, aparece correndo ao seu encontro. O barco eleva-se muito, sobe, toca quase no céu; e de repente a massa líquida baixa; baixa tanto que em volta deles há paredes feitas de água salgada. Depois tudo se passa com a rapidez dum relâmpago. O mastro parte-se com um estalido seco. Rasga-se a vela, estalam os madeiros. Uma onda sufoca os homens, esmaga-os, joga-os pela borda fora.

O peixe perde-se.
Agarrado a um banco um corpo humano é arrastado para longe. Outro esbraceja angustiado para chegar junto da verga.

O «Senhora do Carmo» afunda-se e volta acima esfrangalhado. Tem um estremecimento, range doloridamente como um moribundo e abate-se para sempre envolto em espuma.

Passam-se minutos.
Perto ouve-se o ruído dum motor. E' o salva-vidas.
— Eh! Ali está um — gritam de bordo.
— Olhem. Além está outro agarrado a uma tábuca.

Com mil esforços retiram-nos do mar. Roubam-nos à morte.
— Ainda falta um!
— Sim. Falta o António da Costa.
Baldadamente o salva-vidas o procura. Percorre o rio. Sai fora da barra.

Nem vestígios do mestre do saveiro. Cá em terra há gritos, choros, lamentos. Numa roda de pescadores, José Laranjo comenta indiferente:

— Quem o mandaria sair com um tempo destes?

O DIA de Natal amanhecera formoso como uma rosa, fresca, aberta para o mundo. O sol parecia um punhado de oiro suspenso do céu.

Velas brancas como asas de pombas atravessavam o oceano estranhamente calmo. Dia de Natal. Há cânticos, alegria, festa. Nascera o Menino Jesus.

Sobre a ilha sobranceira à Fuseta fora descoberto o cadáver de António da Costa.

Um leve sorriso vincava-lhe o rosto sossegado e pálido. Na mão direita muito agarrado, haviam-lhe encontrado um retrato. O retrato da sua namorada, a Rosa Maria!...

João de Deus Andrade

Quadros do dia a dia...

por GELEATE ANTÓNIO CANAU

DIANTE da secretária do subchefe está um adolescente magro, vestido com um fato «amacac» sujo, muito largo, que não foi feito para ele. Na sua cara chupada em que alguns pelos compridos e negros afloram, vê-se uma vontade forte. Na mão, umas quantas jóias com brilhantes, reluzem.

O subchefe, depois de ter acabado de escrever, levanta os olhos e, pigarreando, acende um cigarro, chupa duas fumaças e em voz arrastada inicia o interrogatório:

— Como te chamam?
— Entre a malta chamam-me o «Fuinha».

— Em que trabalhas?
— Moço de fretes, recados e, por vezes, engraxador.

— Quem foram os teus companheiros no assalto?
— Ninguém.

— E as jóias que roubaste na mostra da ourivesaria?
— Estão aqui — e ergue as mãos.
— Por que te viste entregar?
— Porque me arrependi e veja... Minha mãe era uma... qual-quer. Morreu há quatro anos. A hora da morte, vitimada pela facada de um amante, pediu-me que nunca roubasse, pois que o meu pai o fizesse e morresse na cadeia. Falou-me noutra vida em que os miseráveis não o eram e num... Deus que tudo perdoa.

Entem à noite, ao ver os brilhantes na mostra e com a fome a fazer do estômago um vazio lamentável, não resisti. Parti o vidro. Fugi com algumas jóias. Imediatamente deram o alarme. Fui perseguido como um animal feroz. Tirois. Correrias. Por fim, uma porta aberta. Entrei. Era uma igreja. Lá longe, uma imagem sorriu-me. Pareceu-me a minha mãe no seu leito de morte. Pálida, com os seus compridos cabelos negros. Cai sobre um banco. Estive muito tempo enrodilhado, a lembrá-la... E, agora venho devolver o roubo para não ser um ladrão. Não quero ser gatumo! Não quero ser como o meu pai!

E ali ficou ofegante a contemplar o subchefe. Os olhos molhados revelavam a sua mágoa, a sua tristeza. Trrim... trrim... trrim...

— Ordenança, leve o miúdo para dentro — diz o subchefe a um polícia que se apresenta. E com gestos automáticos continua a escrever.

A claridade do dia fez desmaiar a luz das lâmpadas eléctricas. O subchefe continua a escrever... Dai a algumas horas entra o comissário. Falaram. O subchefe expõe um assunto a que o outro anui, embora contrafeito. Levanta-se. Põe o boné. Sai. Demora algumas horas. Quando entra, manda chamar o rapaz, que se aproxima, tremendo. O subchefe, em voz baixa e decidida, fala-lhe:

— Consegui que o dono da ourivesaria não se queixe de ti. E arranjei-te um lugar num reformatório. Vou lá conduzir-te. Espero que não me envergonhes.

Alguns meses mais tarde, na mesma sala da esquadra, passeia o «Fuinha». Está mais gordo. A barba bem escanhoada dá-lhe aspecto de homem. Reveste-lhe o corpo a farda de um reformatório. Na mão, um pequeno embrulho.

De súbito, inquieta-se. Na porta da entrada está o subchefe que o fita. Dirige-se-lhe. Com a voz embargada de emoção, diz-lhe:

— Soube que fazia hoje anos e com o primeiro dinheiro ganho no reformatório comprei esta prenda para lhe oferecer. Parabéns.

E, com uma vénia retira-se. Olhando-lhe as costas fica o subchefe enquanto uma lágrima, redonda, lhe desliza pelas faces e vai ao chão.

NO decorrer da existência, depa-ram-se-nos mulheres cujos sentimentos se poderiam nivelar à constante agitação das ondas, que se espreguiçam na praia, de onde recuam silenciosamente, para não mais voltar. Outras, porém, lhes sucedem e desaparecem igualmente, deixando a salugem que trouxeram consigo.

Esta mesma forma actua em nossa vida certas mulheres.

QUANDO os pais casam as filhas, a desposada vai para o primeiro encontro solitário com o homem a quem se uniu sem noção completa do que lhe advirá. Só então será instruída do seu destino, mas pelo marido, que, por sua vez, inicia a sua nova existência, levando hábitos adquiridos em meios nocivos, capazes de comprometer, desde logo, o futuro do casal.

HÁ dramas íntimos do coração humano, cuja plateia só tem um espectador, que somos nós mesmos.

MOÇA gaiteira, de namorados e divertimentos, mostrando-se tal como é, comparada à retraída e dissimulada, cujos olhares são hesitantes, é de resistência menos expugnável às acometidas dos sedutores.

Uma estatística acusaria maior número de vítimas entre as últimas.

J. Alvarez Sénior

A T U M
Sardinha, Anchovas, Cavala, etc.
nas acreditadas marcas de
PILOTOS & CAPA
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Colchões MOLAFLEX
Com um lado para Verão e outro para Inverno, com dez anos de garantia para as molas.
Representante em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Emiliano da Conceição Viegas
Rua Teófilo Braga, 75 e 77

Estrangeiros ilustres que viajam

NUMA «CASA» ROLANTE!

ESTIVERAM alguns dias em Vila Real de Santo António, Mr. Apel Stodel, oficial reformado da marinha de guerra belga, e sua esposa, Mme. Bombard Stodel, de origem francesa, que viajam na sua pequena «casa» rolante, construída sob a direcção do proprietário e com desenhos da sua autoria, e onde não faltam todas as comodidades modernas, desde o frigorífico até à água corrente, quente e fria. Ambos pertencem a famílias ilustres dos seus respectivos países, sendo Mme. Bombard, que é formada em Direito, mãe do médico francês Alaim Bombard, que fez a travessia do Atlântico, sózinho, num barco de sua invenção, para estudo da resistência humana nos casos de naufrágio e que esteve em Lisboa, como convidado, assistindo ao último congresso dos Socorros a Naufragos.

Os ilustres visitantes entraram em Portugal por Valença do Minho e saíram por Vila Real de Santo António. Percorreram toda a orla marítima e confessaram-se encantados com a nossa gente e o nosso clima, declarando que tornariam a voltar a fim de conhecerem o interior do País.

O Ensino no Algarve

Foi nomeado professor de Organização Política e Administrativa da Nação na Escola do Magistério Primário de Faro, o professor do Liceu daquela cidade sr. Silvino Augusto Leitão.

Também o reverendo Manuel António Garrão foi nomeado para a regência da disciplina de Educação Moral e Cívica, da mesma escola.

Foram nomeados os seguintes professores da Escola Industrial e Comercial de Faro: dr. Emílio José de Campos Coroa — Noções de Higiene, Puericultura e Enfermagem; D. Maria Odília Matos Penha Inácio — Economia Doméstica; D. Julieta da Encarnação Vieira e cônego José Augusto Vieira Falé — Religião e Moral.

Para o lugar de mestre provisorio de grafias da Escola Industrial e Comercial de Lagos foi nomeado o sr. José António Oliveira Marreiros.

As sr.^{as} D. Ana Fernandes Custódio e D. Maria Rosária Nunes, foram nomeadas regentes do quadro de agregados do distrito escolar de Faro.

Foram criados os seguintes cursos de educação de adultos: Mistos: Água Velha freguesia de S. Marcos da Serra (Silves); Alportel, sede do concelho; Furnazinhas e Corte Nova ambas da freguesia de Odeleite (Castro Marim); Cotifo, freguesia de Bensafirim (Lagos); Alcaria Fria, freguesia de Sta. Catarina (Tavira); 2.º masculino em Corte Peral, freguesia de S. Marcos da Serra (Silves) e 16.º feminino no Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe (Olhão).

Foram criados os cursos misto e masculino na firma Canelas & Figueiredo, Lda. da sede do concelho de Lagos.

Foi nomeado regente do curso de educação de adultos da escola regimental do Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, em Tavira, o furriel sr. Domingos José Ferrugento.

Está aberto concurso para o preenchimento de uma vaga de terceiro-oficial da direcção do Distrito Escolar de Faro.

PEDREIRO

Vital Madeira Martins responsabiliza-se por trabalhos de pedreiro e caidador.

Informa António João Horta — Mercado 1.º de Maio — Vila Real de Santo António.

FESTA

na freguesia da Conceição de Tavira

Amanhã, na Conceição de Tavira, realiza-se a festa à Senhora da Conceição e São Luís, a qual será abrilhantada pela Banda de Tavira. De manhã haverá alvorada; às 12 e 30, missa solene a grande instrumental e sermão; às 15 horas, corridas de bicicletas com tiragem de fitas; à tarde, procissão abrilhantada pela banda já referida, havendo sermão ao recolher, e à noite, arraial, iluminações, fogo de artifício e concerto filarmónico.

DESSPORTOS
FUTEBOL

Campeonato Distrital de Apuramento para o Nacional da III Divisão

LUSITANO, SILVES, DESPORTIVO E UNIDOS são os quatro representantes algarvios ao Nacional da III Divisão

Lusitano, 1 — Louletano, 1
Quanto mais jogos vamos vendo do Lusitano, mais se nos avoluma a evidência da modéstia do seu valor. No encontro com os aguerridos louletanos, os primeiros classificados do Torneio esperaram, ingloriamente, durante o tempo regulamentar, que os fados lhes conquistassem a vitória.

Não se diga que é falta de sorte. Não acreditamos nisso, nem tal temos presenciado. Parecendo-nos porém que a «sorte» precisa de ser acarinhada, para não se voltar contra os próprios encarnados, quando, realmente, tiverem necessidade dela, aconselhamo-los a mantê-la incólume de culpas da crise que a equipa está atravessando.

O mal é bem outro, mas não somos nós que vamos arcar com o odioso. Proceda, quem tem o direito de proceder. Só lamentamos que uma equipa de Padescas, Pararas, Marcos, etc., etc., não corresponda aos esforços dos seus dirigentes e aos sacrifícios da massa associativa.

Sugerimos: Agora que estamos na aurora do novo ano, porque não começar a preparação da equipa pelo a, e, i, o, u? A turma está muito «verde» e no aspecto do jogo de conjunto — aquela evolução articulada, desbobinando-se de elemento para elemento — apresentam-se-nos

autênticos analfabetos. O jogo não consiste só nos pontapés à-toa numa bola e nas contingências do próprio jogo...

Ainda há tempo, procure-se portanto e quanto antes debelar a crise.

Silves, 4 — Desportivo, 1

A luta para o segundo lugar foi ganha pela equipa da casa, mercê da boa categoria actual do seu conjunto. A voluntariosa equipa de S. Brás teve que curvar-se perante os endiabrados dianteiros silvenses. Silves apresenta um conjunto homogêneo e muito vai dar que falar no Nacional.

Unidos, 6 — B. E. de Portimão, 3

O prélio final da fase de apuramento, opôs ao Unidos a simpática turma de Portimão. O jogo tem realmente pouca história mas mostrou a boa vontade dos visitantes e as «brincadeiras» dos visitados, mesclado com períodos de futebol de boa categoria.

Os briosos barlaventinos, não obstante a sua situação despretenhosa demonstraram um espírito desportivo exemplar.

O sr. Pinto Coelho, ou é demasiado infeliz, ou capricha em tornar difícil o que é facilimo. E' pena, mas continuamos a não gostar do seu trabalho. — C.

Campeonato Nacional da II Divisão

Quase não houve «Algarve»...

Conclusão da 3.ª página para a vintena de minutos agigantada do «Leões de Faro».

Qualquer dos «teams» tem feito boa prova, e vai, por certo, aplicar-se nessa hora e meia cheia de interesse e emoção, em que o «galope» dos farenses pode acabar vitorioso, como na primeira volta.

Todavia, não esqueçamos que os portimonenses, para além do incidente puro e injustificável com o grupo da Tapadinha, não têm cedido as palmas do triunfo em «casas», seja a «leaders» ou a medianos da tabela.

Este pensamento alenta o grupo da Rocha a procurar vantagem e leva o vaticinador a hesitar entre as duas formações e, até, a vincar certa reserva sobre uma possível vitória do «comandante».

Faro, comandando no primeiro lugar, e Portimão, cioso duma terceira posição, são a certeza dum cartaz quase «derby» em que Olhão também joga...

Empate de admitir, como melhor das hipóteses — talvez...

OLHANENSE, 23 p.-ATLÉTICO, 18 p.

Outro grande jogo — o do Estádio Padinha.

Os rubro-negros vão encontrar uma equipa que joga, saída da «co-

Campeonato Distrital de Juniores

Resultados de domingo:

Zona de Barlavento
Clube Esperança, 7-Portimonense, 0

Zona de Sotavento

Lusitano, 9 — Unidos, 1
Farense, 2 — Olhanense, 5

Com a jornada de domingo terminou o campeonato Distrital de Juniores, destacando-se em primeiros, das zonas respectivas, o Clube Esperança e Sporting C. Olhanense.

(2.ª fase)

Realizou-se no passado dia 30 de Dezembro, na sede da Associação de Faro, o sorteio da 2.ª fase desta prova, que deu o seguinte resultado:

1.º domingo — C. F. Esperança-S. C. Farense, em Lagos; S. C. Olhanense-Silves F. C., em Olhão.
2.º domingo — S. C. Farense-S. C. Olhanense, em Faro; Silves F. C.-C. F. Esperança, em Silves.
3.º domingo — Silves F. C.-S. C. Farense, em Silves; S. C. Olhanense-C. F. Esperança, em Olhão.

Os jogos da 2.ª volta, efectuaem-se nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

Jogos para amanhã

C. F. Esperança-S. C. Farense
S. C. Olhanense-Silves F. Clube

bardia enervante das 18 jardas» — e que tudo fará para ganhar e anular os números afrontosos da primeira volta.

Dentro desta teoria, o Olhanense deve jogar com saber e inspiração até ao triunfo, a despeito da valia dos lisboetas.

Todavia, estes 90 minutos serão vividos sob o signo de um visitante que não pode perder a derradeira esperança na «tábua de salvação» do terceiro lugar, e de um Olhanense que terá de defender o segundo lugar, agora ensombrado pela sua derrota na «Cidade Branca».

Depois de Faro, Montijo, Estoril, Beja e Coruche, Olhão deverá ser o «tiro de misericórdia» no coração de um dos ex-grandes, que acusa a «endurance» dos desejos irremprimíveis duma 2.ª divisão, ciosa de palanque para evidência ou... revidência.

António A. Santos

Quem avisa...

A partir de 1 de Janeiro, todos os pedidos de inscrição de jogadores, com ou sem transferência, e de revalidação, deverão ser acompanhados de documento comprovativo de que os jogadores possuem, como habilitação literária mínima, a 3.ª classe do ensino primário, sem o que não poderão ser aceites pela Associação de Futebol de Faro e ter o devido seguimento.

VELA

Estaleiros algarvios fazem barcos para Angola

Conclusão da 5.ª página

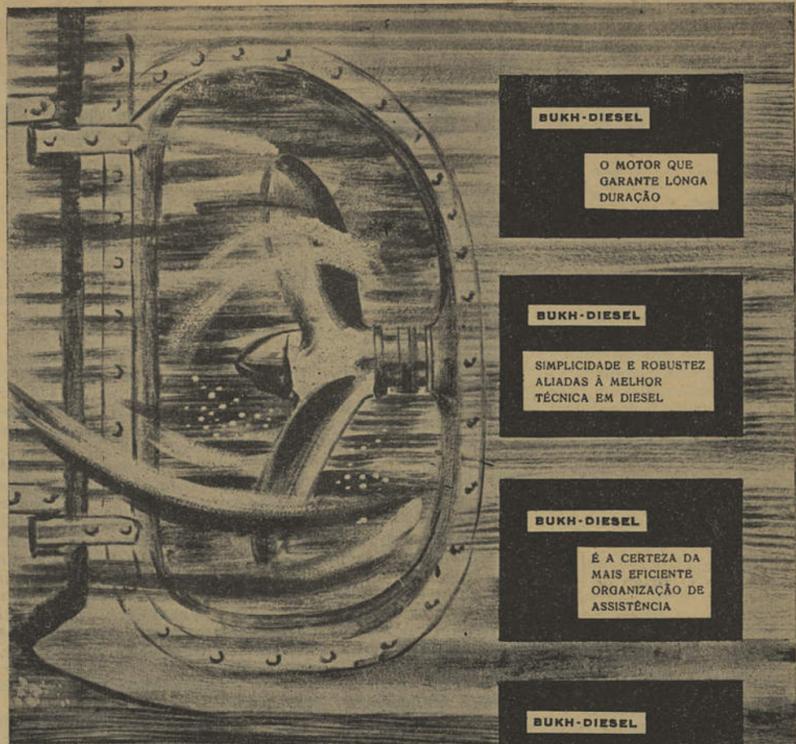
cenaria e Carpintaria, um protótipo de um moderno super-«Moth», o qual apresentará algumas inovações ainda nunca feitas em qualquer outro barco, como um patilhão de leque inteiramente perfilado em qualquer posição, e outras que, a darem o resultado esperado, serão depois introduzidas nas construções em série de mestre Félix Correia.

É de salientar que o jovem Daniel Santana, com outros jovens algarvios, solicitou o auxílio do «Fundo de Expansão da Vela» para a aquisição de um barco próprio, mas, embora satisfizesse todas as condições que o regulamento do «Fundo» especifica para a preferência do auxílio, talvez por ter escolhido um estaleiro algarvio e ter dito que não gostava do trabalho dos estaleiros que são propriedade de dirigentes da Federação, nunca recebeu qualquer resposta do «Fundo de Expansão da Vela», criado pela mesma. Por esse facto, resolveu ele próprio construir a sua embarcação, tendo-se matriculado na Escola Industrial e Comercial de Faro.

Fernando do Valformoso

Espectáculo de beneficência EM TAVIRA

NO Teatro António Pinheiro, em Tavira, realiza-se na quinta-feira um espectáculo promovido por um grupo de senhoras, destinando-se a receita à compra de agasalhos para os pobres. De certo que os tavirenses não regatearão o seu auxílio à benemérita iniciativa.



SÍMBOLO DE POTÊNCIA

- BUKH-DIESEL**
O MOTOR QUE GARANTE LONGA DURACÃO
- BUKH-DIESEL**
SIMPLICIDADE E ROBUSTEZ ALIADAS À MELHOR TÉCNICA EM DIESEL
- BUKH-DIESEL**
É A CERTEZA DA MAIS EFICIENTE ORGANIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
- BUKH-DIESEL**
O PREFERIDO PELO ENTENDIDO E PELO LEIGO

BUKH Diesel
MOTORES MARÍTIMOS

Agente no Algarve

JOSÉ MENDES, L.ª

Rua da Soledade, 17-21-OLHÃO-Telef. 413

NECROLOGIA

D. Maria Lucinda Carneiro Trindade

Faleceu em Lagoa a sr.ª D. Maria Lucinda Guerreiro Trindade, de 83 anos, mãe do sr. José Eduardo Trindade de Azevedo e Silva Lobo, proprietário e director da Adegua Cooperativa de Lagoa e do Grémio da Lavoura do mesmo concelho. Era irmã do saudoso general Teófilo da Trindade que foi presidente da J. A. E.

Dr. Francisco de Barros Guerreiro

Faleceu em Faro o sr. dr. Francisco de Barros Guerreiro, de 37 anos, chefe dos Serviços Comerciais da Companhia dos Petróleos de Angola, filho do sr. Francisco Guerreiro de Barros, presidente do Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve e antigo presidente da Câmara daquela cidade. Deixa viúva a sr.ª dr.ª Maria Helena de Sousa Barros Guerreiro, antiga assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa, e três órfãos. Era irmão da sr.ª dr.ª Maria Adélia de Barros Fonseca, casada com o sr. dr. Humberto dos Santos Fonseca, funcionário dos Serviços Meteorológicos do Aeroporto de Luanda, e do arquitecto sr. Arlindo Barros. O finado, que adoeceu gravemente há mais de um ano, foi submetido a tratamentos em Lisboa e Paris e a uma melindrosa operação na Inglaterra, mas nada o pôde salvar, vindo a acabar na sua terra natal, como desejava.

O sr. dr. Francisco de Barros Guerreiro, espírito culto e desempoeirado, grangeava facilmente simpatias, sendo muito considerado por altos dirigentes internacionais da industria do petróleo. Com pronunciado gosto pela música e pela literatura, era um conversador admirável. Notícias de Luanda dizem-nos que a sua morte foi ali muito sentida. Antes do alto cargo que desempenhava na companhia petrolífera, exercera funções superiores na Divisão dos Transportes Aéreos de Angola.

António Corte Real Buisel

Constituiu uma expressiva manifestação de pesar o funeral, em Portimão, do sr. António Corte Real Negreiro Buisel, agente do Banco de Portugal naquela cidade. Contava 59 anos e era casado com a sr.ª D. Maria José de Azevedo Buisel, pai da sr.ª D. Maria da Conceição de Azevedo Buisel de Vasconcelos Bernardes, sogro do sr. Jorge de Paiva Magalhães de Vasconcelos Bernardes, irmão das sr.ªs D. Maria Isabel e D. Berta Corte Real Negreiro Buisel e dos srs. Jerónimo e Jorge Corte Real Negreiro Buisel e cunhado do sr. José Pearce de Azevedo.

As famílias enlutadas endereçam sentidos pêsames.

Também faleceram:

Em TAVIRA — o sr. José António Viegas da Conceição, de 69 anos, ferroviário aposentado, natural daquela cidade, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Mansinho da Conceição.

Em VILA NOVA DE CACELA — no sítio do Buraco, a sr.ª D. Maria do Carmo Munhoz André, de 69 anos, casada com o proprietário sr. Manuel da Palma André, mãe do sr. José André Munhoz, chefe da estação dos C. T. T. daquela vila, e da sr.ª D. Maria Isabel Munhoz André Pereira, casados respectivamente, com a sr.ª D. Albertina Gil André e com o sr. Manuel Mateus Pereira, comerciante e construtor civil.

Em SILVES — a sr.ª dr.ª Francisca Maria de Sousa Barra, de 50 anos, natural daquela cidade, notária em Lagoa, irmã da sr.ª D. Maria Francisca de Sousa Barra.

Em ALCARIA RUIVA — o sr. Manuel da Graça, de 67 anos, pai do sr. António da Graça Correia, nosso assinante em Faro.

Em CASTRO MARIM — a sr.ª D. Hermínia Amélia Nogueira da Silva, de 82 anos, solteira, proprietária, natural daquela vila, tia da sr.ª D. Emília Nogueira Pinto Vaz Palma, esposa do sr. dr. Joaquim Vaz Palma, nosso assinante em Monchique.

Em LISBOA — a sr.ª D. Maria Quitéria, de 86 anos, natural de Alte (Loulé), mãe do sr. Baltazar Jesus Carlos.

— a sr.ª D. Amarília da Conceição Fantasia, de 38 anos, natural de Albufeira, casada com o sr. António Correia Lopes, agricultor, mãe do sr. Manuel da Conceição Lopes.

— o sr. José Mendes Pinto, de 77 anos, natural de Albufeira, casado com a sr.ª D. Henriqueta Blanco Pinto.

— a sr.ª D. Vivina da Piedade Correia Seita, de 65 anos, natural de Silves, casada com o sr. José Cesário Seita, comerciante, mãe das sr.ªs D. Flávia Correia Seita Barbudo e D. Natália Correia Seita Dias Antunes e do sr. José Joaquim Correia Seita, comerciante, sogra dos srs. engenheiro-agrônomo Francisco Dias Antunes e dr. Arquimedes de Oliveira Barbudo e da sr.ª D. Maria Odete Valério Seita.

— a sr.ª D. Maria Santana Viegas, de 54 anos, natural de Loulé, casada com o sr. Faustino Tomás.

— o sr. José Raimundo Alves, de 73 anos, natural de Porches, proprietário, irmão da sr.ª D. Alice da Luz Seromenho Alves e tio do sr. José Alves Raimundo. O fu-

Trago o Universo em cada quimera do meu «eu»
E o Inferno em cada sonho breve, que se desfaz!...
Só nunca consegui trazer, dentro de mim, o Céu...
... E... quem o traz?!...

Maria Hermínia

Cine-Foz

DOMINGO, Amigos para a vida. (Para 6 anos).

SEGUNDA-FEIRA (Dia de Reis), O último amante, com Amedeo Nazzari, May Britt e Frank Latimore. (Para 17 anos).

BREVEAMENTE, em cinemascópio, A última caravana, com Richard Widmark. (Para 17 anos).

Pense nos que são MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injeções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

neral realizou-se para o cemitério de Estombar.

— a sr.ª D. Piedade da Conceição Costa, de 94 anos, viúva, natural de Armação de Pera, mãe das sr.ªs D. Otília, D. Amélia e D. Maria do Carmo Costa e dos srs. Casimiro e Manuel Costa.

— a sr.ª D. Maria Jesus Teixeira, de 72 anos, natural de Olhão.

— o sr. José dos Santos Trabuco, de 72 anos, oficial da marinha mercante, natural de Olhão, casado com a sr.ª D. Maria Marcelina Trabuco, pai da sr.ª D. Maria Natália Trabuco de Vasconcelos e do sr. José dos Santos Trabuco, major da Administração Militar e sogro do sr. Francisco Adelino de Vasconcelos.

— a sr.ª D. Isaura Manita Robalo, de 75 anos, natural de Olhão, casada com o sr. Manuel Martins Robalo, guarda-livros e mãe das sr.ªs D. Eulália Manita Robalo, D. Teresa Manita Robalo de Sampaio e D. Maria do Carmo Manita Robalo da Silva Basto.

As famílias enlutadas apresenta o Jornal do Algarve sentidos pêsames.

CORTIÇA

Vendemos cerca de 2000 arrobas de BOA E REGULAR QUALIDADE colhida na serra de Serpa. Dirigir ao proprietário em Torre dos Frades — Cacula.

UMA PETIÇÃO À C. P.

Conclusão da 1.ª página

Fuseta-A tem mesmo a sua estação ferroviária, embora desampada, que, por estar mais no equador do aglomerado populacional, destronou de freguesia a estação da Fuseta, com os seus 50 anos, numa concorrência sem paralelo.

Hoje, por cada passageiro de Fuseta, responde a Fuseta-A com dez, num despique inspirado de progresso, a atestar a preferência pelo público dada às magníficas automotoras da C. P., pontuais, múltiplas, constante traço de união entre a vila piscatória e os dois extremos do Barlavento e do Sotavento.

Porém, para que o útil e o agradável dêem o braço, completando o sentido progressivo do burgozinho, falta o abrigo de passageiros de Fuseta-A, dando-lhe uma feição de paragem para além dos dois carris que continuam a prolongar-se, paralelamente, e da tabuleta que nada diz do seu movimento e da paragem das automotoras naquele ponto.

Em dias de temporal, quando a costa grita a sua fúria marítima contra a terra, o passageiro, embrenhado na treva, sem abrigo, batido pelas chuvas impertinentes, enregelada, muitas vezes por tempo imenso, que avulta se os atrasos se alongam por circunstâncias anormais.

A C. P., estamos certos, compreensiva da urbanização junto às suas linhas que o serviço de automotoras tem acordado, numa imitação dos Estoril, certamente não deixará de corresponder com o gesto de um apedeirado abrigado à preferência dos 36.000 passageiros anuais que naquela paragem se escoam.

Seria um excelente brinde para Fuseta-A neste 1958, com que o público daquela paragem rejubilaria — estamos certos.

E já que estamos «com a mão na massa», recordamos, a quem de direito, uma vedação integral do recinto de Fuseta-A, de modo a tirar as crianças de tenra idade, que ali afluem, da eminência de um desastre, pois muitas vezes, às dezenas, chegam a agarrar-se às automotoras já em andamento, com sério risco, devido ao abandono em que seus pais as deixam por aqueles locais.

CONSIDERAÇÕES

Conclusão da 1.ª página

Certamente o articulista está disso convencido porque desconhece o que se tem passado na Praia da Rocha e em Lagos e não porque tenha a intenção de cometer uma flagrante injustiça a pessoas que, mesmo sem poderem ser consideradas de dinheiro, não recaram que o negócio redundasse em fracasso.

Em Lagos, devido à iniciativa e ao arrojo, digamos assim, do sr. Hermano Batista, encontra-se construída a Estalagem de São Cristóvão, empreendimento digno de louvor debaixo de todos os pontos de vista, pois, desde a sua feição arquitectónica (e aqui cabe uma referência especial ao autor do projecto, o distinto arquitecto sr. António de Castro), até às instalações e arranjos interiores, tudo é modelar e digno dum relevo muito especial. Eis, portanto, mais um nome que deve ser citado, para reconforto de todos nós algarvios. Note-se bem que eu não venho servir-me das colunas do Jornal do Algarve para fazer um reclame, a um tanto por linha, ou para satisfazer qualquer pedido.

O caso da Praia da Rocha deve também ser bastante elucidativo para o articulista. Há perto de trinta anos, um algarvio cheio de iniciativa e boa vontade e disposto de capital, levou a efeito a construção do Grande Hotel da Praia da Rocha, tendo assim pleno direito a que o seu nome não seja esquecido quando se fala de entusiastas no capítulo do problema hoteleiro no Algarve. Refiro-me ao sr. Saldanha Lima Paulo, que, passados alguns anos, ainda quis ampliar o seu magnífico hotel, mas não pôde levar a efeito tal empresa porque não conseguiu comprar duas pequenas vivendas confinantes, necessárias para tal fim. Desgostoso com a forma como tem vindo a ser tratado o problema turístico naquela praia, levantando-se toda a espécie de entraves e dificuldades a qualquer iniciativa que se apresente, e ainda com a contradança dos planos de urbanização, por ninguém saber se aquilo que hoje se diz estar já superiormente aprovado, amanhã não será completamente letra morta, o sr. Saldanha, que é também possuidor de alguns lotes de terreno na Praia da Rocha, desinteressou-se por completo do assunto, e julgou que para isso também muito contribuiu o facto de todas as outras

sobre o problema hoteleiro

aplicações que tem dado ao seu capital lhe resultarem mais vantajosas. Mas mesmo assim estou convencido de que, se não fosse a atitude inconcebível nestes últimos anos tomada em Portimão, não só ante o problema hoteleiro naquela praia, como, de resto, ante problemas vitais para todo o concelho, o sr. Saldanha já teria levado a efeito outros empreendimentos muito interessantes e valiosos.

Outro nome que também deve ser citado é o do sr. dr. Frederico Mendes. Este senhor, que construiu as duas primeiras vivendas na avenida que vai para o Vau, mesmo ainda antes dela ter sido aberta, não hesitou, há uns dez anos, em transformar uma dessas vivendas na actual Pensão Sol e, diga-se em abono da verdade, incitado pelo competente e conceituado hoteleiro sr. Domingos

dos Santos Gomes. Passados poucos anos verificou-se que os quartos de que a Pensão dispunha eram insuficientes para o número sempre crescente de hóspedes, e assim o sr. Gomes conseguiu que o seu senhorio lhe desse também de arrendamento outra vivenda, situado ao lado. É claro que depois passou a casa de jantar a não corresponder às necessidades da Pensão e mais uma vez o sr. dr. Mendes anuiu a ampliar a Pensão Sol construindo uma nova e mais ampla casa de jantar. E sabem o que sucedeu? Não houve entraves nem dificuldades que não surgissem por parte da Câmara Municipal. Depois de quase dois anos de luta e de terem sido apresentados três projectos, o proprietário lá conseguiu que o último fosse finalmente aprovado, e isto devido à intervenção directa e decidida do Secretariado do Turismo, porque se não fosse assim ainda hoje tal melhoramento, absolutamente indispensável para resolver um problema hoteleiro, não teria sido levado a efeito. Por informações posteriores soube que isto é tanto mais certo quanto, tendo sido verificado, no decorrer da obra, que a cozinha passara, por sua vez, a tornar-se insuficiente, o proprietário apresentou um projecto-complemento da ampliação que estava a ser levada a efeito e tal projecto foi indeferido pela Câmara Municipal.

Há só incompreensão da parte de quem, em Portimão, é chamado a intervir nestes assuntos? Parece-me que, infelizmente, há também o propósito de prolelar e prejudicar.

Cumpra-me a agradecer a publicação destas mal ataviadas linhas e sou com toda a consideração,

Muito Atenciosamente

(a) Joaquim Marques Jacob

O TURISMO no Algarve

Conclusão da 1.ª página

espectáculo estranho e impressionante.

Esse notável acontecimento da vida piscatória do Algarve foi este ano motivo de grandes reportagens fotográficas, publicadas em revistas estrangeiras, conforme já vimos, e isso ainda mais vai atrair ao Algarve, em 1958, turistas de vários países. Oxalá o assunto mereça a atenção dos órgãos locais de turismo, tendo em vista a criação de novos alojamentos, a melhoria dos existentes e a organização do transporte de turistas até aos locais do coquejo do atum.

Outro assunto votado ao ostracismo é o curiosíssimo artesanato algarvio e a indústria caseira de objectos de recordação, tais como miniaturas de utensílios, alfaias agrícolas, arreios, veículos de tracção animal, pormenores da arquitectura rural e muitos outros testemunhos de uma valiosa etnografia. Tudo isto se vê, e bem assim variadas maquetas, no Museu de Lagos e possivelmente noutros museus algarvios, mas o visitante tem dificuldade em adquirir-lhos no comércio local. Não se faz ideia do interesse que despertaria, em determinadas localidades do Algarve, exposições permanentes, bem reclamadas, que englobassem todos os produtos do seu artesanato, para venda ao público. De que valem festas e outros acontecimentos locais, provocadores de incomodativas aglomerações e de fugazes actividades comerciais, perante todos estes valiosos predados que podem altamente beneficiar a economia do Algarve?

Tal como se encontra, pouco organizada e mal apetrechada, a província algarvia, porém, ainda é das regiões portuguesas que mais valem a visita.

Em Lagos, Praia da Rocha, S. Brás de Alportel, Faro e Vila Real de Santo António, o leitor pode alocar-se, com comodidade, se for ao Algarve nesta quadra do fim do ano, mas é conveniente consultar um guia hoteleiro e reservar alojamentos com a devida antecedência.

Se pratica a pesca desportiva e a caça, leve consigo a cana e a arma; a região que lhe interessa é a de Vila do Bispo, e para visitá-la pode alocar-se em Lagos. Esta cidade oferece-lhe a beleza e a cor da sua costa, e o deslumbrante panorama da famosa baía.

Vizinha de Portimão — o mais importante centro urbano, económico e populacional do Algarve — fica a Praia da Rocha, a famosa estância onde se toma banho durante todo o ano, povoada pelas formas caprichosas do seu litoral.

S. Brás de Alportel, Silves e Loulé são a doçura da paisagem algarvia; Monchique, floresta e manancial de puras águas; Fóia, o grandioso miradouro da província; Albufeira, uma praia «sui generis», devido à sua caprichosa topografia; Faro, a capital, à margem de uma extensa ria, tem saboroso carácter marítimo; Olhão, é terra obreira, muito característica, olorosa a maresia; Tavira, a menina de branco, adormecida à beira do Gilão; Vila Real de Santo António, curiosa pela sua urbanização pombalina, muito industrial (pesca e conservas) defronta o belo estuário do Guadiana e namora Alamoente, na margem espanhola, estabelecendo com ela a ligação de fronteiras por via fluvial.

E quantas coisas mais a ver, na linda província do Sul!

Pedimos licença para esclarecer o estimado camarada Daniel Constant que o mais importante centro urbano e populacional do Algarve é a sua capital.

A VISITA DO CONTRATORPEDEIRO 'LAGOS'

Conclusão da 1.ª página

Assim, dum só golpe, foi afastado o perigo eminente da invasão francesa da Grã-Bretanha, visto que a esquadra de Brest era por si só demasiado fraca para proteger a passagem do exército através do canal da Mancha.

Obras da frente marginal da cidade

Decorridos cerca de dez meses da data do respectivo concurso, foram há dias iniciadas as obras da frente marginal da cidade, adjudicadas à firma Amaro & Mota, Lda., de Lisboa.

Por tal motivo, é enorme o contentamento de toda a população que vê, finalmente, a realização de uma obra solicitada aos poderes públicos desde 1894, e que vai contribuir grandemente para o desen-

volvimento económico da cidade e para o seu saneamento.

Para complemento desta obra, aguarda-se, com ansiedade, desde há meses, o concurso para a empreitada da variante da E. N. 125, para que seja estabelecido um acesso eficiente a Sagres.

Restauro das antigas muralhas

Foram também iniciadas, há pouco, pela Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, as obras de restauro das muralhas de Lagos, para o que se está já trabalhando nos arranjos interiores da fortaleza da Ponta da Bandeira e no exterior do antigo castelo dos Governadores, junto do local de onde partiu em 10-8-1446 a segunda expedição de Lançarote de Freitas, com a qual o Infante D. Henrique iniciou as carreiras regulares de navegação da Parceria de Lagos com a costa da Guiné. — C.

EXCELSIOR

Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

1.ª AV. DO GIESTAL, 4 (a R. Aliança Operária). Tel. 637106 LISBOA

A quadra de hoje

Só de dois modos a gente
E' neste mundo infeliz:
— Quando não tem o que quer,
— Quando possui o que quis.

DJALMA ANDRADE

Papas de milho

As papas de milho ou xerem constituem um alimento muito popular no Algarve e são, não há dúvida, um prato energético. Contém 73,10% de hidratos de carbono, 7,8% de proteínas, 2,20% de gorduras, 15% de água e pequenas cotas de cálcio, fósforo e ferro.

Vemos, pois, que o seu alto teor em hidratos de carbono é que lhe confere a função de alimento energético. As suas proteínas são de baixo valor biológico.

Posuem as papas de milho as vitaminas B1, B2 e A.

Para aumentar o seu valor nutritivo devemos prepará-las com carne, peixe ou em bolos e pães com leite e ovos, o que lhes dará um sabor mais agradável, além de lhes conferir maiores vantagens nutritivas.

Rendas de bilro

As rendas de bilro foram inventadas na Flandres, embora outros países também as fizessem. Em nenhum lugar, porém, atingiram elas a perfeição daquela região. Na igreja de S. Pedro, de Louvain, há um interessante quadro, pintado em 1696, por Quintin Matays, que representa uma menina fazendo renda de bilro.

Também na cozinha se pode ser artista

«Soufflés de carne» — Corta-se a carne em bocadinhos pequenos e leva-se ao lume a refogar com uma colher de manteiga ou batata, uma cebola picadinha, um ramo de salsa que depois se retira, sal e pimenta necessários. Deixa-se refogar lentamente acrescentando água de bom caldo sempre que seja preciso. Tapa-se a caçarola, para que vá ganhando molho e a carne fique cozinhada e gostosa.

Deita-se em seguida uma colher de sopa de manteiga numa caçarola. Deixa-se derreter e juntam-se duas colheres de sopa

de farinha de trigo, mexendo sempre até alourar. Junta-se-lhe então a calda do refogado da carne passada por coador de rede fina em quantidade que perfaça meio litro de calda, para o que se adiciona água de bom caldo, se for precisa. Juntam-se-lhe mais: 3 gemas, a carne refogada e, na ocasião de ir para o forno, as claras batidas em castelo. Tudo isto preparado deita-se em prato *pyrex* ou outro que possa ir à mesa e ao forno, onde se mete durante 15 a 20 minutos, servindo imediatamente.

O «soufflés» de carne, como o de peixe ou marisco pode preparar-se aproveitando sobras de outros cozinhados, o que é altamente apreciável pela nova apresentação que se dá a essas sobras.

Neste caso prepara-se um *mollo Béchamel* em quantidade suficiente para as sobras que se desejem aproveitar, e nele se deitam as claras batidas em castelo, na ocasião de se levar ao forno o aceptor, que deve ser ultimado quase na ocasião de ser servido.

O doce nunca amargou

Bolo para chá — Bata 250 gramas de manteiga com 250 gramas de açúcar, até ficar como creme. Junte sete gemas, bata bem, e vá juntando, aos poucos, 60 gramas de amêndoas picadas, 200 gramas de farinha de trigo, um punhado de passas e as claras em neve. Deite em forma untada e leve ao forno.

Boas maneiras

As dores, assim como as alegrias, não se devem exteriorizar de forma aparatosa e exagerada. Não é por esse meio que elas não de parecer mais intensas e espontâneas. Convém sempre ser-se discreto, aprendendo a dominar as emoções e a controlar as reacções. Exercendo o domínio cabal sobre os nervos, consegue-se impressionar muito melhor e conquistar as simpatias dos que nos rodeiam.

É agora não ria!

O DELEGADO (ao queixoso) — O senhor lembra-se do número do carro que o atropelou?

O QUEIXOSO — Perfeitamente! Era até o número do ano em que nasceu minha mulher!

A ESPOSA (afilita) — Deixa, querido, não vale a pena! E' melhor retirar a queixa...

AS ARMAÇÕES DE ATUM

poderão e deverão viver indefinidamente

Conclusão da 1.ª página

sequência importante a manifesta falta de rendimento daquelas «artes» fixas, pelo que assim foram compelidas a desaparecer.

Haja em vista o que se passa na costa do Japão, em que os infames aparelhos móveis não têm vitimado, de forma nenhuma, as «artes» fixas para a pesca do atum.

E' que a pesca deste peixe não é

susceptível de ser atacada pelo «virus» da «sobrepesca», por mais intensa e dinâmica que seja aquela actividade piscatória, como é bem de ver, ao contrário do que sucede com o exercício da pesca da sardinha que, frequentemente, é contagiada por aquele malfadado «virus».

E a razão da nossa asserção feita em epígrafe está bem patente, pelo que se mete pelos olhos dentro: a pesca da sardinha é praticada, de forma geral, tão somente numa estreita faixa marítima de cerca de quatro milhas ao longo da costa, a qual, com certa frequência, está sujeita ao fenómeno da exaustão, ao passo que a captura do atum é exercida em quase todas as zonas dos diversos mares e oceanos, pelo que não é susceptível de ser vitimada pelo fenómeno da «sobrepesca».

E sobre o assunto parece que não deverão restar quaisquer dúvidas: as armações fixas para a pesca do atum sobreviverão a toda e qualquer «arte» móvel que possa vir a aparecer com destino à pesca do atum e similares, visto que estas «artes» terão de exercer a sua actividade piscatória muito longe daquelas, de forma geral.

E de tal não temos nós quaisquer dúvidas, pelo que a tal respeito poderemos apostar singelo contra dobrado.

Quem deseja apostar?

O próximo artigo versa: Pesca do atum na costa algarvia.

— BARDAHL —

CARDUAL, L. DA

R. S. Sebastião da Pedreira, 62-2.º

Telef. 51258

LISBOA

— Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil, em qualquer modalidade.

— Elaboração de projectos e cálculos de estabilidade.

— Muitas obras já executadas no Algarve e outras ainda em curso.

AOS PORTUGUESES QUE ESTÃO AUSENTES e VENHAM À METRÓPOLE

A CONFIDENTE, a maior Organização do País em Propriedades, tem na presente ocasião CENTENAS DE PRÉDIOS DE RENDIMENTO para vender, tudo no centro de Lisboa como nas Avenidas Novas e arredores, sendo os seus preços variáveis desde 20 a 15.000 contos, todos alugados e próprios para vários inquilinos, novos, isentos de contribuição durante 6 e 12 anos, rendendo alguns deles o juro de 9%.

A todos os compradores que comprem propriedades por n/ intermédio prestamos toda a assistência até ao final da transacção. Nada cobramos de comissão, pois essa é paga pelo vendedor, e ainda nos encarregamos do recebimento de rendas, gratuitamente, aluguer de prédios, pagamento de contribuições, depósitos nos Bancos, etc.

A CONFIDENTE é, sem receio de desmentido, a maior Organização do País, sendo afirmado pelas centenas de clientes que têm transaccionado com A CONFIDENTE.

A CONFIDENTE

FUNDADA HÁ 23 ANOS

LISBOA: — ROSSIO, 3-2.º
Telefs. 21591-30257-367765-367767

PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º
Telefs. 28721-27011-31309-31729